



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Juliana Gomes Martins

NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO EM  
ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA COM HISTÓRICO DE EPISÓDIO DEPRESSIVO

Palmas – TO

2018

Juliana Gomes Martins

NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO EM  
ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA COM HISTÓRICO DE EPISÓDIO DEPRESSIVO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Irenides Teixeira

Palmas – TO

2018

Juliana Gomes Martins

NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO EM  
ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA COM HISTÓRICO DE EPISÓDIO DEPRESSIVO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado  
como requisito parcial para aprovação na  
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso  
(TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia  
do Centro Universitário Luterano de Palmas  
(CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Irenides Teixeira

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Irenides Teixeira  
Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Izabela Almeida Querido  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2018

Ao meu pai, meu herói  
(in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, minha gratidão a Deus, pois sem Ele não teria conseguido sair ilesa do meu Episódio Depressivo nem tido a oportunidade de escrever e tentar ajudar outras pessoas neste sofrimento psíquico.

À Irenides Teixeira, minha mãe acadêmica, que me inspirou e acreditou na realização desse projeto e me suportou nos meus momentos de ansiedade, principalmente via *whatsapp*.

À Adriana Gallert que me introduziu no universo da pesquisa desde o meu primeiro período de curso e compartilhou ensinamentos que trago comigo até hoje.

À banca avaliadora que sempre fez considerações relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Gratidão, Izabela e Sonielson.

À minha família, especialmente minha mãe e irmã que nunca mediram esforços para me auxiliar em todo esse processo chamado “vida”. Aos meus amigos que são essenciais em minha vida. Prefiro não proferir nenhum nome para não correr o risco de não citar alguém que é também especial para mim. Vocês sabem muito bem quem são!

À minha psicoterapeuta, que tem um papel fundamental no meu processo de enfrentamento e elaboração do meu Episódio Depressivo, bem como no auxílio de promover os melhores insights que todo ser humano necessita para compreender os mais diversos aspectos da jornada da vida. Não posso deixar de agradecer também à minha psiquiatra que sempre se mostrou disponível às minhas demandas.

À Kátia, que acreditou no meu potencial e permitiu que eu retornasse ao estágio no hospital, estágio este que mais me fez crescer enquanto pessoa e futura profissional.

Às “meninas da coordenação”, que conseguiram dados essenciais para esta pesquisa: Lara e Larissa, vocês são demais!

Às participantes da pesquisa, pois sem elas esta pesquisa ficaria inviabilizada.

À Marília, assistente de pesquisa que me auxiliou em todos os encontros e lidou com os meus medos e anseios concernentes a realização deste trabalho.

*Não há dúvida de que por pior que fique a situação,  
eu sairei dela. Mas eu não seria a pessoa que sou  
hoje sem o que aprendi com minhas experiências,  
a humildade que elas me trouxeram.*

(Andrew Solomon)

## RESUMO

MARTINS, Juliana Gomes. **Narrativas fotográficas como dispositivo terapêutico em acadêmicos de psicologia com histórico de episódio depressivo**. 2018. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2018.

A depressão se configura como um problema de saúde pública e um dos tipos de transtornos mentais que mais incapacita o ser humano em todo o mundo nos mais diversos âmbitos de sua vida, sendo de extrema importância a realização de estudos com esse público. Para tanto, a pesquisa teve como objetivo identificar os efeitos das narrativas fotográficas como dispositivo terapêutico em acadêmicos de Psicologia com histórico de Episódio Depressivo do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), haja vista a importância da utilização da Fotografia como dispositivo terapêutico em indivíduos que têm a saúde mental prejudicada. Para realização desse estudo, o percurso metodológico baseou-se na pesquisa aplicada, de campo, exploratória e de natureza qualitativa. Mediante análise dos dados, percebeu-se a importância do compartilhamento de experiências entre indivíduos que passam pelo mesmo sofrimento psíquico, porém com sintomatologias e maneiras de lidar diferentes devido a singularidade inerente a cada ser humano. Outrossim, o uso da Fotografia se configurou como recurso terapêutico, pois permitiu identificar os significados envolvidos durante o processo de produção e das narrativas fotográficas de cada participante. Ante o exposto, é sugerido outros estudos que promovam uma discussão entre a Psicologia e a Fotografia na pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Psicologia e Fotografia. Episódio Depressivo. Subjetividade.

## **ABSTRACT**

Depression is a public health problem and one of the types of mental disorders that more incapacitates the human being in the world in all spheres of their life. Therefore, studies in this area have being extremely important with this public. For that, the research had as objective to identify the effects of the photographic narratives as therapeutic device in psychology students with historic of Depressive Episode of Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), as well as the use of photography as a therapeutic device in individuals who have impaired mental health. For this research, the methodological course was based on applied field research, exploratory and qualitative nature. The analysis of the data reveals the importance of sharing experiences of individuals who suffer from de same psych suffering, but with different symptomatologies and ways of dealing due to the inherent uniqueness of each individual. The use of photography was configured as a therapeutic resource, since it allowed the identification of the meanings throughout the production process and the photographic narratives of each participant. In view of this, it was suggested to carry out studies that promote the interface between Photography and Psychology in academic research.

**Keywords:** Psychology and Photography. Depressive Episode. Subjectivity.



## LISTA DAS NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS

Narrativa Fotográfica 01.....	33
Narrativa Fotográfica 02.....	34
Narrativa Fotográfica 03.....	35
Narrativa Fotográfica 04.....	36
Narrativa Fotográfica 05.....	38
Narrativa Fotográfica 06.....	39
Narrativa Fotográfica 07.....	40
Narrativa Fotográfica 08.....	40
Narrativa Fotográfica 09.....	41
Narrativa Fotográfica 10.....	43
Narrativa Fotográfica 11.....	44
Narrativa Fotográfica 12.....	45

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01: Principais sinais e sintomas do Episódio Depressivo.....	23
Tabela 02: Perfil das participantes da pesquisa.....	30

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD	Análise de/do discurso
CEULP/ULBRA	Centro Universitário Luterano de Palmas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CID	Classificação Internacional de Doenças
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ED	Episódio Depressivo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 PERCURSO TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 Fotografia e Linguagem.....	15
2.2 Uso da Fotografia em Psicologia e na Comunidade Científica .....	17
2.3 Imagem, Subjetividade e Significação.....	19
2.4 Sofrimento Psíquico entre Universitários.....	21
2.5 Sintomatologias do Episódio Depressivo.....	22
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Desenho do Estudo.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Local e Período de Realização da Pesquisa.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3 Amostra.....</b>	<b>25</b>
<b>3.4 Critérios de Inclusão e Exclusão.....</b>	<b>26</b>
<b>3.5 Variáveis.....</b>	<b>26</b>
<b>3.6 Instrumentos de Coleta de Dados, Procedimentos, Registro, Análise e Apresentação dos Dados.....</b>	<b>26</b>
<b>3.7 Aspectos Éticos</b>	<b>28</b>
3.7.1 Riscos .....	28
3.7.2 Benefícios .....	28
3.7.3 Desfechos.....	29
3.7.3.1 <i>Primário</i> .....	29
3.7.3.2 <i>Secundário</i> .....	29
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>30</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Fotografia é anterior à Psicologia enquanto ciência, com surgimento datado em meados do século XIX. Sua utilização na Psicologia remonta séculos passados, sendo que o início de sua aplicação em pesquisa, por Henry Donaldson, em 1890, está atrelado ao surgimento da Psicologia enquanto espaço de investigação, através de Wilhelm Wundt, em 1879.

A importância dessa interface entre a Fotografia e a Psicologia na pesquisa acadêmica é de extrema relevância, haja vista que a Fotografia tem a possibilidade de “se constituir como um método de pesquisa vinculado ao saber psicológico e problematizar a introdução de novas metodologias para a ciência psicológica” (MONTEIRO; CALDEIRA, 2014, p. 23). Para tanto, torna-se evidente a riqueza dessa estratégia metodológica em Psicologia a partir do uso da Fotografia, pois a utilização da mesma na pesquisa em Psicologia no Brasil ainda é reduzida, onde há necessidade de novos estudos que possibilitem a interface entre essas duas áreas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Aliado a isso, as narrativas de acadêmicos com histórico de Episódio Depressivo<sup>1</sup> (ED) fez-se necessária na tentativa de compreender esse sofrimento psíquico, pois ao ingressar em uma Instituição de Ensino Superior, o indivíduo perpassa por mudanças em seu cotidiano, bem como experiências que podem influenciar seu próprio bem-estar e saúde mental (SILVA; HELENO, 2012).

Nesse sentido, Fonseca, Coutinho e Azevedo (2008) dizem que é necessário compreender a maneira como os acadêmicos de Psicologia se posicionam frente a esse sofrimento psíquico, nesse caso o ED, haja vista que serão futuros agentes promotores da saúde e ainda, é esperada uma boa qualidade de vida no que tange à saúde mental desses indivíduos.

Conforme dados da OMS (2017), a depressão já ocupa o topo da lista de problemas de saúde. Entre os anos de 2005 e 2015 houve um aumento de mais de 18%, totalizando mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro que sofrem com esse transtorno mental, onde no pior dos casos pode levar o indivíduo a cometer suicídio. Ainda no ano de 2015 cerca de 50 milhões de pessoas viviam com depressão nas Américas (quase 7 em cada 10

---

<sup>1</sup> Sabe-se que o termo “depressão” refere-se ao Transtorno Depressivo Maior. Entretanto, na literatura observa-se a utilização desse termo de forma genérica, por isso, ao longo deste trabalho algumas referências serão compostas por esse termo, pois foi verificado o seu emprego enquanto Episódio Depressivo.

pessoas com depressão não recebem o tratamento necessário), ou seja, uma média de 5% da população.

Os investimentos em saúde mental são mais do que necessários, porém, apenas cerca de 3% dos orçamentos da saúde são investidos pelo governo em saúde mental. Alguns países não oferecem, ou há pouco suporte disponível aos indivíduos que sofrem com algum transtorno mental. Ainda, a população feminina é mais acometida pela depressão do que a população masculina. Apesar de possuir tratamentos eficazes, menos da metade da população afetada por esse transtorno o recebe, devido à falta de recursos, do estigma<sup>2</sup> associado à depressão bem como o diagnóstico e prescrição de medicamentos equivocados (ibidem).

Conforme dados coletados pela coordenação do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA<sup>3</sup> foram solicitadas 82 atividades domiciliares pelos acadêmicos pautadas em laudos médicos entre os anos de 2015 e maio de 2018. Ante o exposto, foi analisado, a partir desse quantitativo, os laudos referentes a atestados psicológicos relacionados a Episódios Depressivos.

A Resolução nº 525 de 14 de agosto de 2013 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Luterano de Palmas (CONSEPE-CEULP/ULBRA) (ANEXO A), discorre sobre as normas referentes aos Exercícios Domiciliares, onde o mesmo é concedido apenas se o período de afastamento for superior a 15 dias. Tal tratamento excepcional é destinado aos “acadêmicos que, no decorrer do semestre letivo, forem acometidos de doenças que os incapacitem, física e temporariamente, para as atividades acadêmicas presenciais” (CONSEPE, 2013).

Nesse sentido, a constituição subjetiva do sujeito deve ser levada em consideração, visto que o ser humano é complexo e a sua subjetividade é caracterizada como um “processo que não se cristaliza, não se forma, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída” (MOLON, 2010, p. 119).

---

<sup>2</sup> A depressão está relacionada a um dos tipos de estigma descrito por Goffman (1988, p.7): “em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo (...). Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião.”

<sup>3</sup> O curso de Psicologia do CEULP/ULBRA é pioneiro no Estado do Tocantins, iniciado há 18 anos.

O interesse pelo tema proposto fez-se devido a um ED vivido pela própria acadêmica pesquisadora, ocasião em que solicitou os Exercícios Domiciliares e, posteriormente, o trancamento do curso. Durante o período de trancamento da graduação, a acadêmica pesquisadora obteve contato, pela primeira vez, com a Fotografia, o que possibilitou, além da aprendizagem da técnica, uma percepção inovadora em seu olhar no que tange à vida em si. Vale ressaltar que a mesma ainda faz tratamento psicoterápico e uso de antidepressivo.

Ante o exposto, a pesquisa teve como objetivo geral identificar os efeitos das narrativas fotográficas como dispositivo terapêutico em acadêmicos de psicologia com histórico de ED. Os objetivos específicos foram: 1) verificar o significado das narrativas fotográficas para os acadêmicos; 2) identificar os elementos da produção fotográfica envolvidos em cada foto/imagem e sua relação com o Episódio Depressivo; e 3) promover uma discussão sobre a interface entre a Psicologia e a Fotografia na pesquisa acadêmica. Na trajetória dessa pesquisa foram utilizados tanto autores da Fotografia, Dubois (2012), Kossoy (2001; 2002; 2016), como da Psicologia, Dalgallarrondo (2012), Gomes (2011), Solomon (2014), dentre outros.

Outrossim, o percurso teórico dessa pesquisa trouxe em sua primeira seção o contexto no qual surgiu a Fotografia, bem como o seu uso enquanto linguagem. A segunda seção discorreu acerca do uso da Fotografia em Psicologia e na comunidade científica. Já a terceira seção compreendeu os aspectos relacionados à imagem, a subjetividade e significação. A quarta seção referiu-se ao sofrimento psíquico entre universitários e por fim, a quinta seção discorreu sobre as sintomatologias referentes ao ED.

Após o referencial teórico o percurso metodológico da pesquisa foi apresentado e, em seguida, os resultados e discussões referentes aos dados coletados das narrativas fotográficas de acadêmicos do curso de psicologia do CEULP/ULBRA com histórico de ED. Ainda, fez-se as considerações finais e, por fim, mostrou-se as referências que compuseram esta pesquisa, bem como as apêndices e anexos que foram utilizados.

## 2 PERCURSO TEÓRICO

### 2.1 FOTOGRAFIA E LINGUAGEM

A Fotografia surgiu no contexto da Revolução Industrial, em meados do século XIX. Adquiriu status em alguns países da Europa e nos Estados Unidos onde obteve maior notoriedade a partir da década de 1860. Nesse contexto caracterizado por avanços econômicos, sociais e culturais, a Fotografia propiciou ao ser humano uma possibilidade de autoconhecimento bem como de recordações, ao preservar a memória visual do mundo ao seu redor (KOSSOY, 2001).

A primeira fotografia impressa de que se tem registro ocorreu em 1826, pelo francês Joseph Niépce. Após alguns anos, em 1839, foi apresentada publicamente a primeira câmera fotográfica, por Louis Daguerre, chamada de daguerreótipo devido ao sobrenome do autor (FREEMAN, 1996).

Para Sontag (2004), a Fotografia não era ainda profissão, por isso, os primeiros modelos de câmeras eram utilizados por seus idealizadores e entusiastas em operá-las. O registro fotográfico consistia, inicialmente, numa ferramenta útil às autoridades que se utilizava da Fotografia como meio de vigilância e controle da população. Anos mais tarde, esse registro ocupou espaços de comemorações e conquistas dos indivíduos, sendo o retrato, o uso popular mais antigo da Fotografia no século XIX.

Na passagem do século XIX para o século XX, houve uma revolução na cultura histórica, uma vez que a era da imagem possibilitou o consumo da grande massa, ocasião em que surgiram os cartões postais e as revistas impressas, possibilitando que a população viajasse mundo afora sem sair de casa (KOSSOY, 2002).

Assim como é de extrema importância em Psicologia considerar os aspectos históricos e culturais inerentes à época de diversos acontecimentos ocorridos na humanidade, na Fotografia não é diferente, pois cada foto carrega em si uma história regida por seu *zeitgeist*<sup>4</sup>.

A fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas. É sob esta perspectiva mais abrangente que deve ser estudada [...]. Não é apenas o acontecimento em si que é a meta a ser recuperada. Interessa o pensamento que levou o homem à determinada ação [...], buscando compreender as razões psicológicas que deram origem aos acontecimentos (KOSSOY, 2001, p. 138-139).

---

<sup>4</sup> *Zeitgeist* é um termo alemão que representa o ambiente cultural e intelectual que pretende ser pesquisado/analísado (SCHULTZ, 2012).



Kossoy (2001) diz que, apesar dos aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos, tecnológicos e estéticos envolvidos na evolução histórica da Fotografia, no Brasil e em toda a América Latina a história foi bem diferente se comparada aos países desenvolvidos. No Brasil, devido o tipo de colonização (de exploração), ocorreu uma forma de expansão da atividade fotográfica diferenciada nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, através de fotógrafos estrangeiros, sobretudo advindos da Europa.

Neste sentido, a Fotografia se inseriu no Brasil conforme os moldes europeus, sendo que não houve “qualquer preocupação em se construir o nacional nos retratos antigos. Pelo contrário, a intenção é a de se obter um produto estético com a melhor aparência europeia possível.” (KOSSOY, 2002, p. 78). Entretanto, a família imperial buscou a construção de uma fotografia nacional, ao enfatizar a exaltação da nossa rica natureza (KOSSOY, 2002)

Ao considerar que o indivíduo é um ser dotado de complexidade, Aumont (2012, p. 77) diz que “além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história”. Ou seja, a relação existente entre o indivíduo e a imagem perpassa os diversos âmbitos no qual ele está inserido.

Outro fator a ser considerado é a linguagem. Tavares (2006) diz que a linguagem é expressão ou constituição de algo. Atua como uma ferramenta de objetivação da subjetividade nas mais diversas formas de expressão do indivíduo bem como na sua relação com o meio no qual está inserido. Dito isto, a imagem, nesse caso, a Fotografia, irá operar como representação nessa relação do indivíduo com o mundo.

Para Juchem (2009, p. 330), “é bastante aceita a ideia de que vivemos na era das imagens, assim como também é aceita a ideia de que não sabemos, de forma geral, ler e interpretar estas imagens”. Para isto, a interpretação das imagens em um viés psicológico (produção de sentidos e significados) pode vir a possibilitar uma visão mais ampliada nesse sentido.

## 2.2 USO DA FOTOGRAFIA EM PSICOLOGIA E NA COMUNIDADE CIENTÍFICA

A Fotografia está presente em diversas áreas da Psicologia, porém, no Brasil, ainda são poucos os registros acerca da utilização da Fotografia na pesquisa psicológica (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). As autoras dizem ainda que sua principal atribuição é conferir significado à imagem na pesquisa, a partir de quatro funções que serão vistas posteriormente: registro, modelo, autofotografia e feedback. O primeiro artigo que se tem conhecimento e que retrata a utilização da Fotografia na pesquisa psicológica foi publicado por Donaldson, em 1890.

Donaldson (1890) realizou um estudo em um cérebro humano sob o título *Anatomical Observations on the Brain and Several Sense-Organs of the Blind Deaf-Mute, Laura Dewey Bridgman*. Inicialmente, eram observadas partes do encéfalo que não precisavam ser dissecadas no primeiro momento, em seguida, fotografou-se alguns ângulos do cérebro estudado para então, dissecá-lo. Esse artigo teve como objetivo estudar a inter-relação existente entre a massa encefálica e a inteligência. Ainda, foi o primeiro artigo de que se tem registro do uso da fotografia como um dos instrumentos de intervenção na pesquisa psicológica.

Mister salientar que o período da publicação do artigo supracitado coincide com a publicação do livro de Wilhelm Wundt “Elementos de psicologia fisiológica, em 1864, e à criação do primeiro laboratório psicológico, em Leipzig, Alemanha, em 1879” (FREIRE, 2012, p. 91). A criação deste laboratório configurou a Psicologia como ciência.

Em 1905, foram publicados alguns trabalhos em que a Fotografia foi utilizada na coleta de dados como função de registro (a análise das imagens tinha como foco apenas o seu conteúdo). A partir do início do século XX, a pesquisa psicológica desempenhou a função de modelo (a análise das imagens tinha como foco o observador e suas respostas acerca das fotos) (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

No final da década de 1970 o método autofotográfico foi introduzido. O participante recebia uma máquina fotográfica e instruções sobre o manuseio adequado da mesma para realização de fotografias acerca de um determinado tema. A função autofotográfica é uma espécie de junção da função de registro e modelo, pois o foco é dado tanto ao conteúdo da imagem quanto ao participante que não exerce mais apenas o papel de observador. Por fim, a Fotografia com função de feedback tinha como objetivo a avaliação e o resultado das fotos que são tiradas do participante da pesquisa, logo, o foco não é o participante em si, e

sim o resultado dos critérios avaliados sobre o mesmo. Tal método não se desenvolveu como os demais citados anteriormente (ibidem).

Para Tittoni (2011), o surgimento da Fotografia possibilitou o retrato do mundo a partir de outras perspectivas. Os intelectuais viram na fixação da imagem um grande feito científico; a população em geral, julgou como uma maneira de adentrar no mundo da arte e os empresários avistaram uma inovação no mercado de consumo. Além disso, promoveu a visibilidade dos afetos e das emoções. A autora diz ainda que

a fotografia inscreveu-se no contexto científico como uma fonte de comprovação, em que a imagem fotográfica foi entendida e utilizada como uma representação fiel da realidade. Nesta ordem discursiva, a fotografia cumpria a função de comprovar fatos e coisas, funcionando, portanto, como uma representação fiel da realidade. A fotografia, assim, associou-se à noção de verdade, como instrumento capaz de comprovar e atestar sua existência concreta (...), apesar do debate que se instaurou desde o início das práticas fotográficas (2011, p. 132).

Para além da objetividade, a Fotografia traz em si a subjetividade inerente ao ser humano. Souza e Lopes (2002) dizem que após o advento da Fotografia a experiência humana foi modificada, pois foi adquirido um olhar sobre o mundo antes não visto, além da possibilidade de uma nova visão subjetiva acerca do mesmo. Neste sentido, pode-se dizer que a Fotografia impactou a forma do sujeito se reportar e colocar-se no mundo.

Além disso, Debord (2003) diz que o indivíduo se tornou refém das imagens, pois passou a depender do controle/aprovação social obtida por uma realidade que deveria ser vivida concretamente de maneira pura e simplesmente individual, culminando assim num “espetáculo social”, em que a relação social entre os indivíduos é mediatizada pelas imagens. Ainda, a alienação de tal espectador frente à imagem contemplada ou àquela ofertada a outrem, tende a promover, inconscientemente, a despersonalização do indivíduo no que tange a compreensão de sua própria existência, bem como de seus desejos.

Para Dubois (2012), a Fotografia é muito mais que a imagem em si, pois deve-se considerar ainda a forma como a mesma é recebida e contemplada, bem como o sujeito em seu processo/transformação. O autor divide o percurso histórico da Fotografia em três tempos. Primeiramente, desde o seu surgimento, no século XIX, a Fotografia era vista como o “espelho do real”, pela sua capacidade de imitar (mimese) com perfeição, a realidade em si. Posteriormente, no século XX, essa percepção foi modificada, ocasião em que a Fotografia passou a ser vista como “transformação do real”, onde a imagem é culturalmente codificada, haja vista que a mensagem inerente à fotografia e a interpretação da mesma é

definida por sua cultura. Por fim, a Fotografia passou a ser vista como “traço de um real”, pois possui um valor singular determinado unicamente pelo seu referente.

Diante disso, uma das formas de produção de conhecimento na pesquisa em psicologia pode se dar através da utilização da Fotografia enquanto estratégia metodológica, pois a mesma não se configura como algo irreduzível ou imutável, porém, possibilita uma diversidade em seu uso, contribuindo assim à produção de conhecimento (TITTONI et al., 2010). Tal flexibilidade vai ao encontro da singularidade bem como ao processo de subjetivação de cada indivíduo.

## 2.3 IMAGEM, SUBJETIVIDADE E SIGNIFICAÇÃO

A experiência humana com as imagens remonta tempos antigos. Joly (2012) diz que o termo imagem é diversamente utilizado (em fotografias, desenhos, animações, pinturas, filmes, como metáfora etc.), e seu modo de produção de sentido, ou seja, suas significações e/ou interpretações são variadas. Tal ideia vai ao encontro da análise de Spink (2011), pois além de possibilitar distintas análises, a imagem fotográfica é polissêmica e possui uma diversidade de significados.

A abordagem semiótica<sup>5</sup> se constitui como uma disciplina inserida nas ciências humanas, tendo surgido no início do século XX. Apesar de ser uma ciência recente, o conceito de signo, inerente à semiótica, já é estudado há bastante tempo. O suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) e o americano Charles Peirce (1839-1914) são os precursores da abordagem semiótica. Saussure dividiu o signo em significante (sons) e significado (conceito). Peirce trouxe uma definição mais complexa de signo, dividindo-o em *representamen* ou significante, significado ou interpretante e referente ou objeto (JOLY, 2012). No Brasil, Santaella (2004) discorre sobre o tema partindo das ideias de Peirce, onde há uma subdivisão da semiótica em três elementos: primeiridade, secundidade e terceiridade, onde

a primeiridade aparece em tudo que estiver relacionado com acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada. A secundidade está ligada às ideias de dependência, determinação, dualidade, ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. A terceiridade diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento,

---

<sup>5</sup> Etimologicamente, a palavra semiótica e/ou semiologia derivam do termo grego *semeion* que significa “signo”. A semiótica (filosofia das linguagens) possui origem americana e a semiologia (estudo de linguagens particulares, tais como: imagem, gestos, teatro etc.), origem europeia (JOLY, 2012). Nesta pesquisa, a abordagem semiótica se configurará a partir das ideias de Peirce.

inteligência. A forma mais simples da terceiridade, segundo Peirce, manifesta-se no signo, visto que o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete) (SANTAELLA, 2004, p. 07).

A definição da semiótica por Peirce pode ser melhor exemplificada, através do exemplo de uma imagem, onde “uma fotografia (significante) que apresenta um grupo alegre de pessoas (referente) pode significar, de acordo com o contexto, “foto de família” ou, em uma publicidade, “alegria” ou “convívio” (significados) (JOLY, 2012, p. 34).

Nöth e Santaella (2005) apresentam uma dicotomia no mundo das imagens. Primeiramente, trazem a imagem como representação visual (fotografias, desenhos, pinturas e etc.), ou seja, a imagem como objeto material. Em segundo, está a imagem como representação mental (fantasias, visões, esquemas e etc.), resultando assim, num objeto imaterial. Vale ressaltar que ambas representações ocorrem juntas, interligadas em sua origem.

Para Santaella (1983), a semiótica se debruça sobre o estudo de todas as linguagens, tendo como objetivo “o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1983, p. 13)”. Dito isto, o signo está presente em tudo o que nos cerca e nos constitui, seja interna ou externamente, pois para ser “signo” é preciso ser passível às mais diversas interpretações, logo,

abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de *produção de sentido*, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações. De fato, um signo só é “signo” se “exprimir ideias” e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa (JOLY, 2012, p. 29).

Pode-se dizer que, um objeto, o nome de uma pessoa, uma cor, uma palavra em si, bem como uma imagem fotográfica, caracteriza-se como signo. Para tanto, Santaella (2004, p. 8) diz que “o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (...), que representa uma outra coisa, chamada de objeto de signo, e que produz um efeito interpretativo (...) chamado de interpretante do signo”.

A interpretação acerca do signo depende do fenômeno da produção de significação e de sentido trazido por Santaella (1983). Para tanto, a subjetividade do sujeito deve ser levada em consideração e, sobre este tema, o cubano Fernando González Rey (2011), influenciado pela psicologia Sócio-Histórica/Histórico-Cultural desenvolveu a Teoria da

Subjetividade, concebendo-a enquanto “processual, plurideterminada, contraditória e em constante desenvolvimento sensível à qualidade de seus momentos atuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito” (GONZALEZ REY, 2011, p. 37).

Ante o exposto, fez-se necessário compreender os aspectos referentes às imagens enquanto signo, bem como o processo inerente à produção de sentido e significado, fruto da constituição subjetiva/psíquica presente em todos os indivíduos.

## **2.4 SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE UNIVERSITÁRIOS**

A inserção do indivíduo em instituições de Ensino Superior, na maioria das vezes composta por jovens que estão ainda em transição à vida adulta, é caracterizada por diversas mudanças. Tais mudanças incluem o afastamento de suas famílias, escolhas, responsabilidade, sociabilidade, posicionamento bem como tomada de decisões importantes na vida destes indivíduos (DE ASSIS; DE OLIVEIRA, 2010).

A adaptação do indivíduo frente as mudanças significativas nessa etapa da vida podem gerar algum tipo de sofrimento psíquico, sendo que “o sofrimento psicológico pode ter implicações consideráveis no processo de aprendizagem e formação do futuro profissional” (PADOVANI, 2014, p. 8), culminando assim, em algum transtorno mental, tal como o ED.

A Psicologia estuda o ser humano considerando-o em toda a sua complexidade. Frente a isso, o acadêmico de Psicologia no decorrer da sua formação busca a compreensão do sujeito através de sua constituição psíquica, bem como a preparação para “cuidar, proporcionar bem-estar, salvar vidas” (VIEIRA, 2008, p.23). Todavia, em alguns momentos tal busca pode desencadear algum tipo de sofrimento psíquico, devido aos “recursos cognitivos e emocionais complexos” (BONIFÁCIO et al, 2011, p. 16), esperados por quem escolhe este curso.

Através da utilização do Questionário Geral de Goldberg – QSG60, Monteiro (2017) traçou um perfil da saúde mental dos acadêmicos concluintes do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA, ocasião em que 23 estudantes responderam ao questionário. Os resultados apontaram o predomínio de distúrbios psicossomáticos (33,3%), *stress* psíquico (23,5) e desconfiança no próprio desempenho (21,6%). Ainda, uma das intervenções mais sugeridas pelos acadêmicos, foi de que houvesse atendimento psicológico individual ou em grupo, ao menos para este público próximo a concluir o curso, porém, apesar da

coordenação e dos professores sugerirem que os acadêmicos busquem suporte psicológico, muitos não o realizam por questões financeiras. Diante disso, a implantação de serviços direcionado ao atendimento psicológico de discentes que se encontram em sofrimento psíquico seria de grande valia.

Em outra pesquisa realizada com 119 acadêmicos de Psicologia de uma Universidade Pública no sudeste do país, Andrade (2016) observou a necessidade de serviços de atendimento psicológico para estes acadêmicos, objetivando dirimir o sofrimento psíquico dos mesmos.

Gomes (2011) diz que, apesar de ocorrer em todas as fases do desenvolvimento humano, a adolescência e os primeiros anos da juventude apresentam o maior índice de incidência da depressão, principalmente no gênero feminino. Vale ressaltar que a depressão possui etiologia multifatorial, dada às ordens biológica, genética e psicossocial que a determinam (VIEIRA, 2008).

Para Solomon (2014), apesar da depressão remontar séculos passados da nossa existência, as taxas crescentes observadas atualmente de indivíduos depressivos, estão diretamente relacionadas às características da modernidade: avanço da tecnologia, disfunção familiar, bem como o fracasso moral, político, social e religioso.

## **2.5 SINTOMATOLOGIAS DO EPISÓDIO DEPRESSIVO**

Conforme dados da OMS (2016,2017), a depressão é caracterizada pelo aparecimento dos seguintes sintomas no período de no mínimo duas semanas: tristeza profunda; falta de interesse do indivíduo em realizar tarefas que normalmente gosta, bem como numa incapacidade de desempenhar tarefas diárias. Somado a isso, também pode ocorrer sentimento de culpa; desesperança; inutilidade; perda de energia; mudanças relacionadas ao apetite e sono, e ainda, automutilação ou suicídio.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5, traz uma divisão minuciosa acerca dos Transtornos Depressivos, classificando-os em 8 grupos, onde ocorrem

presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo (...), alterações nítidas no afeto, na cognição e em funções neurovegetativas” (DSM-5, p. 155, 2014).

Já a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos da CID-10 traz o Episódio Depressivo como uma das categorias do Transtorno do Humor de ordem afetiva, onde há alteração do humor (deprimido); desinteresse; falta de energia, concentração, atenção, além da autoestima e autoconfiança rebaixadas (CID-10, 1993).

A tabela 01 representa um panorama acerca dos principais sinais e sintomas das categorias do Episódio Depressivo – F32, foco desta pesquisa, nos moldes do CID-10 (1993):

Tabela 01: Episódio Depressivo – F32

Episódio Depressivo
<p><b>Sinais e sintomas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Humor deprimido;</li> <li>- Perda de interesse e prazer em atividades normalmente agradáveis;</li> <li>- Energia reduzida (fatigabilidade aumentada e atividade diminuída);</li> <li>- Concentração e atenção reduzidas;</li> <li>- Autoestima e autoconfiança reduzidas;</li> <li>- Ideias de culpa e inutilidade;</li> <li>- Visões desoladas e pessimistas do futuro;</li> <li>- Ideias ou atos auto lesivos ou suicídio;</li> <li>- Sono perturbado;</li> <li>- Apetite diminuído.</li> </ul>

Fonte: CID-10,1993

Para Guariente (2002), os sinais se caracterizam por algo que é percebido por outrem e os sintomas são descritos por aquilo que o indivíduo sente, sendo que ambos podem decorrer de aspectos orgânicos (alteração do apetite, insônia e/ou hipersonia, ganho ou perda de peso, etc.), psíquicos (desinteresse, tristeza, desesperança, choro persistente, irritabilidade, etc.) e sociais (retraimento social, perda ou rebaixamento da produtividade e desinteresse por atividade recreativa e de lazer). Para que tais sinais e sintomas se caracterizem de fato como depressão, devem ocorrer na maior parte do dia e exceder duas semanas de duração.

Dalgalarrodo (2008) subdivide alguns desses sinais em sintomas afetivos; alterações da esfera instintiva e neurovegetativa; alterações ideativas; alterações cognitivas; alterações da autoavaliação; alterações da volição e da psicomotricidade e sintomas psicóticos.

Diversos fatores podem desencadear um ED, sendo que alguns deles incluem: perda de um ente querido, frustrações, fatores econômicos, estresse, conflitos sociais e familiares,



bem como alterações neuronais, ocasião em que ocorre uma diminuição nos níveis de dopamina, serotonina e noradrenalina (GUARIENTE, 2002).

Os principais tratamentos recomendados para o ED são realizados através da psicoterapia e/ou com a utilização de medicamentos antidepressivos. Sobre a psicoterapia, a Resolução do CFP nº 010/00 (2000) discorre sobre essa prática psicológica.

Art. 1º – A Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos (CFP, 2000).

Conforme o Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde (BRATS, 2012), o uso de antidepressivos podem reduzir a recidiva de episódios depressivos. Além desses dois principais tipos de tratamentos recomendados, Solomon (2014) traz alguns tratamentos alternativos, dentre eles: estimulação magnética transcraniana repetitiva (EMTr), homeopatia, fitoterapia chinesa e grupos de apoio.

Diante do exposto, é necessário promover suporte psicológico aos acadêmicos com ED, onde através das narrativas e produções fotográficas realizadas pelas participantes desta pesquisa, buscou-se utilizar a Fotografia como dispositivo terapêutico em acadêmicos de psicologia com histórico desse transtorno.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

#### **3.1 Desenho do Estudo**

A finalidade metodológica da pesquisa foi aplicada, pois teve o objetivo de utilizar a prática para resolução de problemas, promovendo assim novos conhecimentos (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Utilizou-se a pesquisa qualitativa, pois “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2004, p. 53).

Para Santos (2000), o objetivo metodológico consiste na pesquisa exploratória, ao propor uma maior aproximação do fato ou fenômeno pesquisado, através de materiais que discorram acerca da importância do problema, além de informações vigentes acerca do mesmo.

O método foi indutivo, pois “baseia-se na generalização de propriedades comuns a certo número de casos até agora observados e a todas as ocorrências de fatos similares que poderão ser verificadas no futuro” (CERVO, 2007, p. 44). Ainda, o procedimento metodológico esteve pautado na pesquisa de campo, onde Casarin (2012) diz que os dados coletados são obtidos, de forma direta, com os participantes da pesquisa.

A análise das informações coletadas na pesquisa se deu por meio da técnica da Análise do Discurso (AD). Conforme Caregnato e Mutti (2006), a AD visa o sentido produzido pelo autor do texto e não apenas seu conteúdo, pois tem como principais pressupostos a ideologia, a história e a linguagem de quem produz o discurso. Sendo assim, fez-se relevante a utilização de tal técnica nessa pesquisa.

#### **3.2 Local e Período de Realização da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada com as participantes, entre os meses de agosto e setembro de 2018. Obteve-se um total de 4 encontros, na sala LIGA (Laboratório de Intervenção em Grupos e Ações), no Refúgio Psi, prédio 2 do CEULP/ULBRA. Os encontros foram realizados uma vez por semana, com duração máxima de 1h30.

#### **3.3 Amostra**

A amostra da pesquisa foi por conveniência, através da seleção de 2 acadêmicas do curso de Psicologia com histórico de ED. Tal informação foi verificada através dos dados coletados pela coordenação do curso de Psicologia acerca da solicitação de Exercícios

Domiciliares durante os anos de 2015 e maio de 2018. Além desses dados, as narrativas das participantes da pesquisa também foram consideradas para melhor compreensão, de fato, da ocorrência dos Episódios Depressivos.

### 3.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

Dos critérios de inclusão:

- a) o participante da pesquisa deveria ser acadêmico matriculado do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA durante o período de 2018/2;
- b) o participante deveria ter solicitado o pedido de exercícios domiciliares, em algum momento do curso, devido ED;
- c) o participante deveria ter disponibilidade nos dias e horários que foram agendadas a coleta de dados.

Dos critérios de exclusão:

- a) o participante estar matriculado em outro curso, a não ser em Psicologia;
- b) os acadêmicos que solicitaram atividades domiciliares, porém trancaram o curso;
- c) o acadêmico que não tivesse um *smartphone* com dispositivo fotográfico.

### 3.5 Variáveis

As variáveis dessa pesquisa referem-se as narrativas fotográficas dos acadêmicos de Psicologia com histórico de ED e os efeitos psicológicos do uso da Fotografia como dispositivo terapêutico.

### 3.6 Instrumentos de Coleta de Dados, Procedimentos, Registro, Análise e Apresentação dos Dados

#### Instrumentos de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados um roteiro de observação (APÊNDICE A) e um gravador de áudio. Além disso, cada participante dispunha de um *smartphone* (qualquer modelo) com dispositivo fotográfico.

O *smartphone* com dispositivo fotográfico foi utilizado para a captura das imagens, respeitando a singularidade de cada participante no conteúdo registrado. As imagens foram produzidas pelas participantes da pesquisa durante o espaço de tempo entre cada encontro. Ainda se utilizou um roteiro de observação preenchido pela assistente de

pesquisa do curso de Psicologia ao longo dos encontros, a partir do que foi relatado por cada participante em suas narrativas e produções fotográficas.

### Procedimentos

Primeiramente, realizou-se uma revisão de literatura acerca do tema proposto: fotografia e psicologia; ED; narrativas fotográficas. A partir dos dados coletados pela coordenação do curso de Psicologia acerca da solicitação de atividades domiciliares, os participantes da pesquisa foram convidados pela acadêmica pesquisadora, que entrou em contato via telefone e pessoalmente com 4 pessoas. Apesar de todas terem demonstrado interesse, apenas duas acadêmicas tiveram disponibilidade para participação na pesquisa.

O primeiro encontro ocorreu no dia 16/08/2018, ocasião em que as duas participantes da pesquisa estiveram presentes. A acadêmica pesquisadora realizou uma explanação acerca da pesquisa com a leitura do TCLE (APÊNDICE B), incluindo os objetivos, quantidade e duração dos encontros, critérios de inclusão, critérios de exclusão, bem como aspectos éticos. Ainda, sanadas as dúvidas, foram estipulados os dias e horários de cada encontro e posterior assinatura do TCLE. Ao final, foi solicitado às participantes que, no próximo encontro, apresentassem até seis imagens produzidas por elas mesmas, que deveriam ser enviadas ao e-mail da acadêmica pesquisadora até um dia antes do próximo encontro, por meio da utilização de seus respectivos *smartphones* com dispositivo fotográfico sob o tema<sup>6</sup> “sofrimento” e “persistência”.

O segundo encontro ocorreu no dia 24/08/2018, ocasião em que foram projetadas as imagens produzidas pelas participantes da pesquisa, através da utilização de notebook e *datashow*, que realizaram as narrativas fotográficas de cada imagem. Ao final, foi solicitado às participantes que, no próximo encontro, apresentassem até seis imagens produzidas por elas mesmas, que deveriam ser enviadas ao e-mail da acadêmica pesquisadora até um dia antes do próximo encontro, por meio da utilização de seus respectivos *smartphones* com dispositivo fotográfico sob o tema “solidão e “esperança”.

O terceiro encontro ocorreu no dia 31/08/2018, onde foram projetadas as imagens produzidas pelas participantes da pesquisa, através da utilização de notebook e *datashow*, que realizaram as narrativas fotográficas de cada imagem. Ao final, foi solicitado às participantes que, no próximo encontro, apresentassem até seis imagens produzidas por

---

<sup>6</sup> Os temas escolhidos para as narrativas e produções fotográficas das participantes da pesquisa foram escolhidos pela acadêmica pesquisadora, pois referem-se aos sinais e sintomas vivenciados durante o ED, bem como aos dispositivos de enfrentamento utilizados pela própria acadêmica pesquisadora na experiência que vivenciou.

elas mesmas, que deveriam ser enviadas ao e-mail da acadêmica pesquisadora até um dia antes do próximo encontro, por meio da utilização de seus respectivos *smartphones* com dispositivo fotográfico sob o tema “tristeza” e “enfrentamento”.

O quarto encontro ocorreu no dia 10/09/2018, onde foram projetadas as imagens produzidas pelas participantes da pesquisa, através da utilização de notebook e *datashow*, que realizaram as narrativas fotográficas de cada imagem. Ao final, a acadêmica pesquisadora distribuiu folhas A4 e solicitou que cada participante escrevesse um relato acerca do significado das narrativas fotográficas, seus benefícios e/ou malefícios, bem como a importância do uso da Fotografia como dispositivo terapêutico. Entretanto, as participantes preferiram produzi-lo em outro momento e ficou acordado que enviariam o relato ao meu e-mail. Posteriormente, a acadêmica pesquisadora realizou o fechamento dos encontros em grupo e se colocou à disposição para qualquer dúvida ou demanda trazida pelas participantes.

### **3.7 Aspectos Éticos**

A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – CEULP/ULBRA, devido ao fato de ser um estudo envolvendo seres humanos, conforme Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, considerando, dentre outros “o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas” (BRASIL, 2012). Ainda, findada a pesquisa, a acadêmica pesquisadora realizou a devolutiva individualmente com cada participante da pesquisa.

#### **3.7.1 Riscos**

O procedimento aplicado na pesquisa esteve sujeito ao desencadeamento de emoções desagradáveis para as participantes, por se tratar de conteúdos relacionados ao sofrimento psíquico decorrentes de Episódios Depressivos. Diante disso, a acadêmica pesquisadora se responsabilizou em oferecer suporte psicológico naquele momento e, caso fosse necessário, o encaminhamento do sujeito da pesquisa ao Alteridade – Núcleo de Atendimento Educacional Especializado aos Discentes do CEULP, porém não houve necessidade.

#### **3.7.2 Benefícios**

A pesquisa teve como potencial apresentar os benefícios da Fotografia como dispositivo terapêutico, uma vez que o indivíduo pode atribuir múltiplos sentidos e

significados acerca de sua condição psíquica e, a partir das narrativas e produções fotográficas, construir recursos de enfrentamento psicológico diante de Episódios Depressivos.

### 3.7.3 Desfechos

#### *3.7.3.1 Primário*

Contribuir para a compreensão dos efeitos das narrativas fotográficas como dispositivo terapêutico em acadêmicos de psicologia com Episódio Depressivo.

#### *3.7.3.2 Secundário*

Promover uma interface entre a Psicologia e a Fotografia na pesquisa acadêmica, bem como a realização de outras pesquisas que se utilizem do mesmo recurso terapêutico em indivíduos com Episódio Depressivo e demais populações que estejam em sofrimento psíquico.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A coleta de dados baseou-se na produção fotográfica realizada pelas participantes da pesquisa, bem como nas narrativas fotográficas acerca das imagens produzidas. Para tanto, os encontros destinados às narrativas foram compostos por dois temas onde cada participante deveria fotografar até 3 (três) imagens acerca de cada tema proposto.

##### 1º Encontro 16/08/18 – Apresentação das participantes da pesquisa

O 1º encontro teve como objetivo conhecer as participantes da pesquisa, onde foi realizada ainda uma explanação acerca da pesquisa. A acadêmica pesquisadora leu o TCLE juntamente com as participantes e sanou algumas dúvidas referentes ao funcionamento do grupo. Após a leitura, a acadêmica pesquisadora, assistente de pesquisa e as participantes da pesquisa assinaram o TCLE. A tabela abaixo mostra o perfil das participantes da pesquisa.

Tabela 02: Perfil das participantes da pesquisa

Nome das participantes <sup>7</sup>	Cacto (C)	Flor do Deserto (FD)
<b>Gênero</b>	Feminino	Feminino
<b>Idade</b>	26	26
<b>Período do Curso</b>	8º	9º
<b>Histórico de ED</b>	1º ED aos 15 anos (2007)	
	2º ED aos 24 anos (2016)	1º ED aos 24 anos (2016)
	3º ED aos 25 anos (2017)	
<b>Uso de psicofármacos</b>	Atualmente, não faz nenhum uso	Sim
<b>Acompanhamento Psicológico</b>	Psicoterapia Individual	Psicoterapia Individual

Fonte: produção da acadêmica pesquisadora

Ainda, as participantes relataram brevemente acerca de alguns aspectos de seus Episódios Depressivos:

*Eu tinha muito medo de vir [para a faculdade] e acabar entrando em contato com algum conteúdo que me deixasse pior. Era um martírio vir para a Ulbra. Eu pensei em desistir do curso [...]. Quando eu falava sobre esses sintomas*

<sup>7</sup> Devido sigilo das informações e preservação da identidade de cada participante, a acadêmica pesquisadora realizou uma dinâmica no penúltimo encontro e pediu para uma participante escolher o nome de uma flor que melhor caracterizasse a outra participante e vice-versa. Como resultado, temos as participantes Cacto (C) e Flor do Deserto (FD).

*com as minhas amigas que não passaram por esse problema, mesmo elas cursando psicologia, não sabiam lidar. Então elas preferiam se afastar, porque elas não sabiam lidar com a demanda – C.*

Espera-se que acadêmicos de Psicologia tenham um conhecimento mais elaborado sobre a depressão (VIEIRA, 2008), todavia, tal habilidade não foi percebida por Cacto, onde foi narrado o medo de lidar com os conteúdos de disciplinas que constam na matriz curricular do curso, bem como o afastamento das amigas que também são acadêmicas de Psicologia.

Flor do Deserto relatou que só percebeu que estava em um ED quando, certo dia, verificou seu peso em uma balança e viu que havia perdido 10kg. Relatou ainda que não se sentiu muito apoiada pela família:

*Eu tive apoio de uma amiga que me acolheu. Da minha família, não muito. Minha mãe dizia, “ah, a sua fé está muito fraca”, “você está orando pouco”. No início, meus pais achavam que eu não tinha motivo para estar assim e que era algo relacionado a minha fé. Eu sempre orava. Eu creio muito em Deus. E eu sempre orava, “Deus, a qualquer momento eu posso fazer alguma coisa. Eu não estou conseguindo”. A autopunição é muito grande - FD.*

É vigente os estigmas relacionados aos Episódios Depressivos, conforme apresentado no discurso de Flor do Deserto. Ainda, ideações suicidas que também se constituem como um dos sintomas do ED (CID-10, 1993), foram relatados pelas participantes:

*Eu só entrava nos lugares procurando hipóteses de como eu poderia me suicidar naquele local – C.*

*A gente quer desistir da vida, né? E a vontade de se mutilar? E a vontade de se matar? A minha impressão era de que eu era a minha própria inimiga. Eu dava suporte para todos. Pegava aquela sobrecarga toda e não cuidava de mim. E até nas minhas ideações suicidas eu pensava, “eu vou me jogar na frente desse carro agora”. Aí eu pensava “eu vou acabar com a vida do motorista. Ele vai viver com essa culpa pelo resto da vida.” Eu não me matava por me preocupar com o outro - FD.*

O risco de suicídio é 20 vezes maior em indivíduos com depressão (VIEIRA, 2008), onde, cerca de 800.000 pessoas morrem por ano devido suicídio no mundo. Esse número aumenta ainda mais se forem consideradas as tentativas frustradas. Vale ressaltar que o suicídio foi considerado a segunda principal causa de morte em indivíduos com idade entre 15 e 29 anos, no ano de 2016 (OMS, 2018).



A importância do compartilhamento dessas experiências foi nítido, tal como aparece no discurso das participantes:

*Enquanto você (FD) estava fazendo o seu relato, parecia que você estava falando de mim. Por isso que tem que ser empático, porque a gente sabe a dor do outro – C.*

*Algo que contribui para mim hoje, nesse processo todo, é conversar com pessoas que já sofreram a mesma coisa. Parece que eu fico mais em paz – FD.*

As narrativas acima remetem aos objetivos dessa pesquisa, que é identificar os efeitos das narrativas fotográficas em acadêmicos de Psicologia com histórico de ED, dada a importância dessas narrativas utilizadas, neste caso, como dispositivo terapêutico para com esses indivíduos. Tais efeitos foram mais facilmente percebidos através das produções fotográficas de cada participante no decorrer dos encontros.

## **2º Encontro 24/08/18 – Narrativas fotográficas: Sofrimento e Tristeza**

No 2º encontro, as participantes deveriam enviar, via e-mail, as produções fotográficas um dia antes para a acadêmica pesquisadora, porém, apenas Flor do Deserto as enviou. Ambas relataram dificuldade para tal realização:

*Medo de entrar em contato de novo com esses sentimentos. Eu ainda tentei tirar umas duas fotografias, só que pareceu que não expressava o verdadeiro sentido do sofrimento. E pra eu tirar uma fotografia que, para mim expressasse o verdadeiro sofrimento, eu teria que entrar em sofrimento. E foi uma coisa que eu não quis [...]. Não sei se é porque foi a primeira vez que eu pensei sobre o sofrimento, após cerca de 8 meses. Até então, nesse ano, ainda não tive nenhuma crise. Aí quando você passa muito tempo sem ter nenhuma crise, você fica com receio – C.*

O receio de Cacto para realização da produção fotográfica deve ser levado em consideração, devido a probabilidade de ocorrerem recaídas e/ou recidivas de episódios depressivos (GOMES, 2011). Tal dificuldade nas produções fotográficas também apareceu no discurso da Flor do Deserto:

*Talvez uma resistência [...]. De fato, eu não sei descrever o porquê, mas eu senti uma certa resistência. Eu pensei que seria muito mais fácil, mas não. Tem sido muito difícil [...]. Eu senti muita dificuldade de tirar (as fotos), de imaginar algo, de pensar, de fato, o que era sofrimento e o que significava para mim – FD.*

Diante disso, a acadêmica pesquisadora sugeriu que esse enfrentamento poderia ser algo positivo, porém, ressaltou mais uma vez que a participação de ambas era

voluntária e, caso não se sentissem à vontade para realização das narrativas, poderiam retirar seu consentimento da pesquisa a qualquer momento, conforme os aspectos éticos contidos no TCLE. Ambas relataram que queriam continuar a participar da pesquisa.

Antes de iniciar as narrativas fotográficas da Flor do Deserto, a acadêmica pesquisadora explicou brevemente sobre os 3 pressupostos fundamentais acerca da imagem, pois, assim como em qualquer obra de arte, Dubois (2012) parte de 3 perguntas que são essenciais para uma Fotografia: “o que a imagem está representando?”; “como aconteceu/ocorreu a captura?” e ainda, “como a imagem é percebida?”, pois permite acompanhar o processo envolvido em seu ato.

### **Sufrimento por Flor do Deserto**

#### **Narrativa Fotográfica 01**



**Foto: Flor do Deserto**

*Eu tive dificuldade de me fotografar, mas o sofrimento para mim é essa foto. Eu enfaixei o meu rosto. O sofrimento para mim, dificulta as minhas percepções: o meu ouvir, o meu olhar para o mundo. Eu não consigo, talvez, enxergar a realidade. Porque a realidade para mim, por mais que eu venha a estar passando por um momento que talvez, todo mundo olhe e ache que*



*sofrida para mim é isso: você não conseguir separar as coisas, os problemas da faculdade, os problemas da família, os problemas da igreja, os problemas de mim mesma. Parece que está tudo em conflito. Eu não consigo me ouvir. Eu não sei o que é da depressão e o que é meu. Não sei o que são os pensamentos disfuncionais. Não sei mais o que são os pensamentos funcionais. E para mim, significa isso. Como se eu tivesse ficando louca mesmo porque eu não consigo separar nada. O mais sofrido é isso: eu não conseguir me entender nem me reconhecer – FD.*

### Narrativa Fotográfica 03



Foto: Flor do Deserto

*O lixeiro remete à desordem e, muitas vezes, eu me sentia assim no momento de sofrimento: um lixo. Como se eu não conseguisse fazer mais nada. Como se nada que tivesse em mim tivesse alguma utilidade. Por mais que eu conseguisse fazer coisas boas para outras pessoas, mas para mim mesma parece que eu não consigo fazer nada de bom. Parece que eu me tornei a minha própria vilã. Parece que sou eu, todos os dias lutando comigo mesma, contra ideias suicidas. Tudo isso – FD.*

As narrativas fotográficas trazidas pela Flor do Deserto, bem como as imagens que representam o sofrimento são de extrema relevância para a compreensão dos múltiplos significados inerentes às imagens fotográficas (SONTAG, 2004; SPINK, 2011). Ainda, o indivíduo que adquire maior conhecimento acerca do sofrimento acaba intensificando a

própria alegria, porém, da mesma forma que a alegria pode ser intensificada, ela também pode ser apagada em períodos de crise (SOLOMON, 2014). Foi justamente esse o significado trazido nas narrativas fotográficas acerca do sofrimento por Flor do Deserto.

### Persistência por Flor do Deserto

Narrativa Fotográfica 04

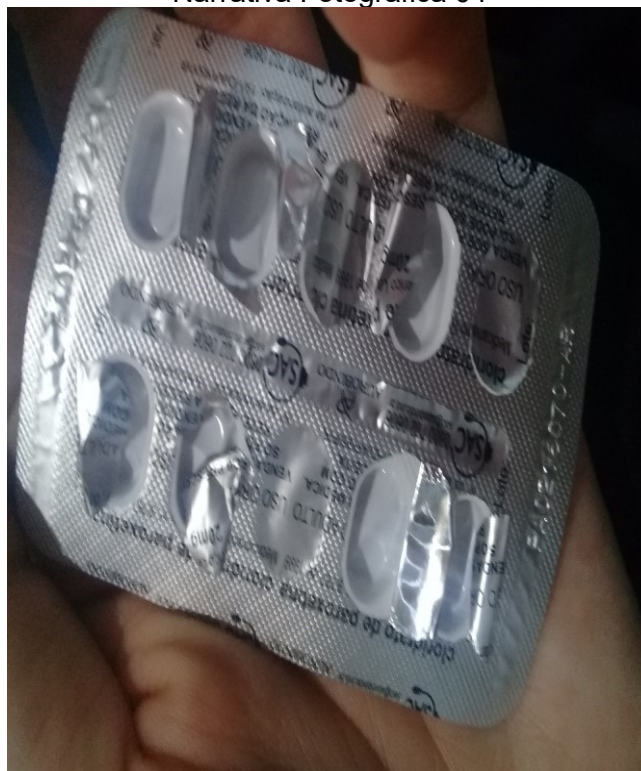


Foto: Flor do Deserto

*Então, parece que é uma fotografia de sofrimento, mas para mim representa persistência, porque a fase de tomar medicação, precisa de muita persistência. Já é muito difícil aceitar se submeter a tomar medicação, meio que para controlar os sentimentos e suas emoções. E para mim, significa muita persistência você conseguir tomar medicação todos os dias, ter que lidar com os efeitos colaterais... Até fiquei em dúvida se eu ia tirar como “sofrimento” ou “persistência”, mas hoje eu entendo como persistência, depois de quase 2 anos tomando medicação, porque não é fácil. É como se fosse um enfrentamento da dor todos os dias [...]. Eu era totalmente contra a medicação, até eu precisar dela – FD.*

A persistência narrada por Flor do Deserto sobre o uso de medicação corrobora com a ideia trazida pelo Brats (2012) no que tange ao uso de medicamentos antidepressivos, pois apesar dos efeitos adversos (muitos indivíduos abandonam imediatamente o seu uso devido aos efeitos colaterais intensificados nas duas primeiras semanas do início de uso),

a medicação tem por objetivo melhorar a qualidade de vida do indivíduo, bem como minimizar o risco de suicídio e recidiva de episódios depressivos.

Ao final, a participante Cacto, relatou um pouco sobre como se sentiu durante as narrativas fotográficas de Flor do Deserto:

*Foi sufocante ver a foto do rosto dela. Porque era como eu me sentia: presa, sufocada. Tive palpitação, fiquei com a minha garganta seca. Comecei a ter, de certa forma, uma crise de ansiedade. Hoje, para mim, foi fácil, de certa forma. Eu revivi, percebi que estava entrando em um momento de crise, mas eu aceitei e pensei que ela ia passar. Eu lembrei de tudo. As fotos dela tiveram muito significado para mim.*

Os sentimentos narrados por Cacto condizem com as ideias de Kossoy (2016), onde as imagens fotográficas proporcionam leituras distintas àqueles que as veem, pois, algumas imagens trazem recordações, outras moldam o comportamento do indivíduo, bem como significados referentes aos seus valores individuais e concepções acerca da vida. Ainda, apesar dos sintomas fisiológicos narrados por Cacto, pode-se perceber uma elaboração acerca de como lidar com tal sofrimento vivenciado durante uma crise.



### 3º Encontro 31/08/18 – Narrativas Fotográficas: Solidão e Esperança

No 3º encontro, foram realizadas as narrativas fotográficas com as imagens produzidas pelas participantes da pesquisa que retratassem “solidão” e “esperança”. Ambas conseguiram enviar as fotos para serem projetadas no *datashow* no dia do encontro, todavia, a maioria das fotos de Cacto, haviam sido tiradas no ano passado, período em que se encontrava em sofrimento psíquico devido ED.

#### Solidão por Cacto

Narrativa Fotográfica 05

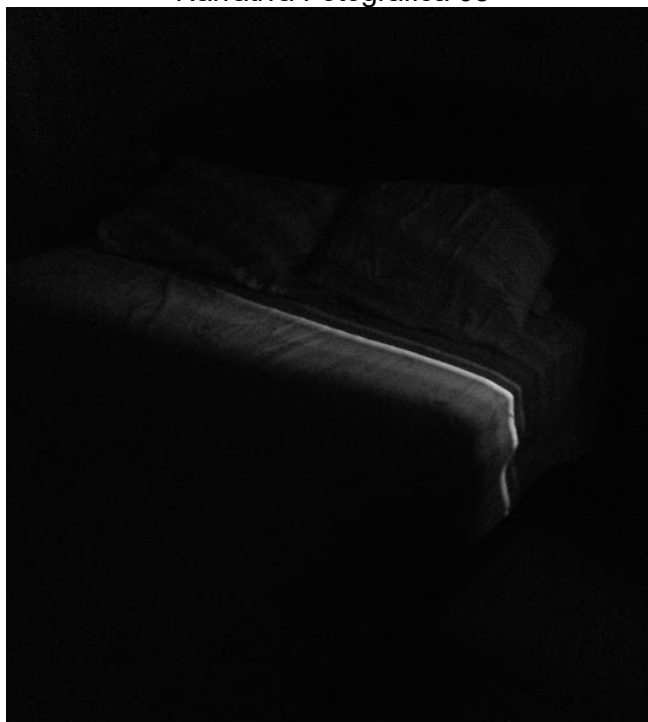


Foto: Cacto

*Essa é a minha cama, de quando eu ainda morava em outro apartamento. Essa foto não foi tirada agora. Foi durante um momento de solidão, porque as minhas noites eram sempre escuras e tinham dias que eu passava o dia inteiro deitada. Aí eu só abri uma fresta da janela para entrar um risquinho de luz. Eu não queria ligar a luz do quarto, mas queria que aparecesse a cama [...]. O escuro representava a minha alma – C.*

Apesar da imagem acima não ter sido capturada recentemente por Cacto, essa representação do seu ED vivido outrora, bem como sua narrativa, possui um significado relevante, pois o indivíduo deprimido vê no sono um refúgio, como se a sua própria cama fosse o melhor lugar do mundo, mais confortável e até mesmo mais confiável (GOMES, 2011). Ainda, tal reação da participante pode sugerir certa resistência e/ou fuga em lidar com aspectos que podem vir a causar sofrimento, haja vista os sentimentos relatados pela

mesma no encontro anterior, ao visualizar as produções fotográficas por Flor do Deserto acerca do sofrimento.

### **Solidão por Flor do Deserto**

#### **Narrativa Fotográfica 06**



Foto: Flor do Deserto

*Fotografei essa terra seca. Não foi proposital essa minha sombra, mas acho que dá para expressar mais ainda a questão da solidão, porque eu estou sozinha. Essa terra seca, sol muito quente, eu com os livros nas mãos..., mas foi algo que eu não consegui expressar. Não senti que consegui expressar em fotos. A solidão é algo muito presente para mim nesse processo de depressão e acho que deve ter sido por isso que eu não consegui expressar o suficiente. A solidão para mim é menos palpável para eu conseguir expressar em fotografias - FD.*

Conforme as ideias trazidas por Gomes (2011) acerca da depressão, apesar da solidão, em certa medida, ser natural ao ser humano, o indivíduo que está vivenciando um episódio depressivo a sente em maior proporção, culminando em um vazio existencial que o impede de viver satisfatoriamente uma vida saudável e enxergar as adversidades da vida como algo comum ao ser humano.



## Esperança por Cacto

### Narrativa Fotográfica 07



Foto: Cacto

*Eu fui em um psiquiatra e, na primeira vez que eu fui lá, eu não conseguia chegar perto da janela. Eu tinha tantas ideias suicidas e tinha tanto medo de mim mesma. Nesse dia, eu já estava bem melhor, consegui chegar na janela e tirar essa foto de cima da cidade. Para mim foi esperança, pelo fato de eu conseguir chegar na janela, que era uma coisa que eu não conseguia antes, e conseguir tirar essa fotografia. Foi uma esperança de que eu estava me recuperando e de que eu poderia ter uma recuperação total. Essa foto foi tirada ano passado, quando eu estava me recuperando – C.*

### Narrativa Fotográfica 08

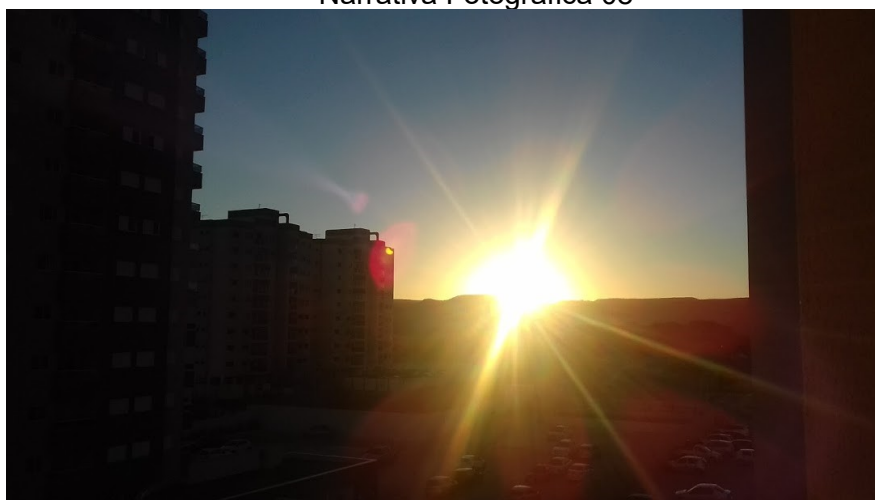


Foto: Cacto

*Essa também não foi tirada agora. É no prédio em que eu morava, onde muitas vezes eu tinha crises a noite inteira e ficava desesperada, esperando o amanhecer. Quando o sol nascia, eu sentia esperança, porque eu suportei mais uma noite – C.*

As produções fotográficas de Cacto que representam a esperança remetem às ideias de Kossoy (2001) acerca da preservação da memória visual e recordações trazidas pelas imagens, pois a participante optou por utilizar fotos outrora produzidas justamente no período em que se encontrava com ED. Ambas as imagens que representam Esperança para Cacto, foram produzidas durante seu ED, no ano passado, porém, apesar de passado cerca de um ano, o sentido subjetivo dessas imagens ainda é o mesmo.

### **Esperança por Flor do Deserto**

Narrativa Fotográfica 09



Foto: Flor do Deserto

*Esperança remete muito à natureza para mim, por causa do verde, das cores... Essa época do ano, é uma época muito seca, de um calor estressante, angustiante. O que eu gosto nessa época do ano é o pôr do sol, o céu e as flores que surgem. É uma época na qual toda vegetação está seca e a outra vegetação começa a florir. E a esperança para mim tem essa representatividade: de estar num momento muito ruim, muito seco, sem vida e de alguma forma ter a esperança de algo florir e o encanto novo aparecer. Pode ser que nas nossas vidas também seja dessa maneira, pois, por mais que a gente esteja ali, em um momento de solidão e sofrimento, pode ser*

*que surja algo bom disso tudo. Uma coisa que me fortalece muito é pensar que, depois que eu passar por esse processo e que essa gestalt da depressão for fechada na minha vida, eu vou ser uma pessoa melhor, madura e muito mais empática. Então eu tenho a esperança de poder tirar algo bom dessa fase difícil. Eu acredito muito nessa força que o ser humano tem de poder se autorregular e crescer de alguma forma – FD.*

Existe uma possibilidade de o indivíduo escolher o que fazer com a sua depressão após a ocorrência de um Episódio Depressivo, pois alguns sabem que poderão ter outras crises, mas enquanto não as têm, tentam utilizar essa experiência como algo positivo (SOLOMON, 2014). Diante de ambas as narrativas fotográficas, as participantes conseguiram visualizar em suas próprias produções imagéticas aspectos positivos do ED por qual perpassaram.

Ao final das narrativas, a acadêmica pesquisadora perguntou como ambas se sentiram após as narrativas do último encontro e como tinha sido a experiência de fotografar novamente aspectos relacionados aos sinais e sintomas do ED, aliado aos dispositivos de enfrentamento:

*Quando você me fez o convite para participar da sua pesquisa, particularmente, eu achei que seria fácil. Semana passada foi muito difícil pra mim, pois eu saí daqui muito mexida. Chorei quando eu cheguei em casa e pensei “nossa, mas eu estava tão bem”. Identifiquei coisas que eu preciso trabalhar e as questões da semana passada mexeram muito comigo. Acho que foi também porque eu estava em uma semana bem sensível. Durante a semana, eu tive crise. Segunda-feira, eu não consegui levantar da cama. Mas ontem eu falei para a minha terapeuta que eu estava participando da pesquisa e que estava entrando em confronto com as minhas demandas. Falei para ela que estava sendo muito bom, porque a fala dela (Cacto) me faz pensar que eu não estou só e me gera tranquilidade por pensar que é “normal” e eu tenho que aceitar essa fase – FD.*

*Eu fiquei muito impactada com as fotos dela da semana passada, porque representou muito o que eu sentia. Nessa semana eu falei que seria mais fácil para mim lidar com o tema “solidão”, porque eu não sofro mais tanto o quanto eu sofria onde eu morava. Quando eu cheguei em casa, pensei em tirar uma foto que representasse a solidão, mas eu não conseguia e também não queria. Porque eu não queria em nenhum momento procurar um ponto da minha casa que eu moro agora que me remeta à solidão. Aí eu pensei em recorrer às fotos antigas de quando eu morava naquele lugar. Quando eu tirei aquela foto, de um prédio aleatório, eu revivi a solidão que eu vivia naquele lugar. Eu senti toda a pressão de que haviam pessoas me espremendo o tempo inteiro e eu estava sozinha, como se estivesse numa bolha e eu pedisse ajuda, socorro, só que as pessoas me olhavam e não me ajudavam. Quando eu tirei aquela foto no auditório, eu revivi tudo de novo. Eu fiquei tão mexida com essa questão da solidão que, algumas vezes eu me senti mal durante a madrugada, fazendo trabalho. Já tinha tempo que eu não sentia isso. Eu me senti tão sozinha e fiquei tão cansada, porque passei*

*a noite inteira pensando na solidão, e não consegui acordar para vir na aula segunda-feira. No entanto, eu não fiquei sofrendo. Só fiquei muito cansada – C.*

As narrativas trazidas pelas participantes no final desse encontro remetem aos objetivos propostos por esta pesquisa no que tange aos efeitos das narrativas fotográficas, bem como os significados dessas narrativas e a possibilidade do uso da fotografia como dispositivo terapêutico. Ambas demonstraram a forma como se sentiram frente às produções fotográficas apresentadas, enriquecendo ainda mais suas narrativas.

Vale ressaltar a importância do acompanhamento psicoterápico nesse processo, onde ambas realizam psicoterapia individual, pois conforme Solomon (2014), o terapeuta pode auxiliar o indivíduo que se encontra isolado, nesse caso, vivendo momentos de solidão, a se conectar com outras pessoas e estabelecer essa rede de apoio de que tanto necessita o indivíduo que está passando por ED.

#### **4º Encontro 10/09/18 – Narrativas Fotográficas: Tristeza e Enfrentamento**

No 4º encontro foram realizadas as narrativas fotográficas com as imagens produzidas pelas participantes da pesquisa que retratassem “tristeza” e “enfrentamento”.

##### **Tristeza por Flor do Deserto**

Narrativa Fotográfica 10

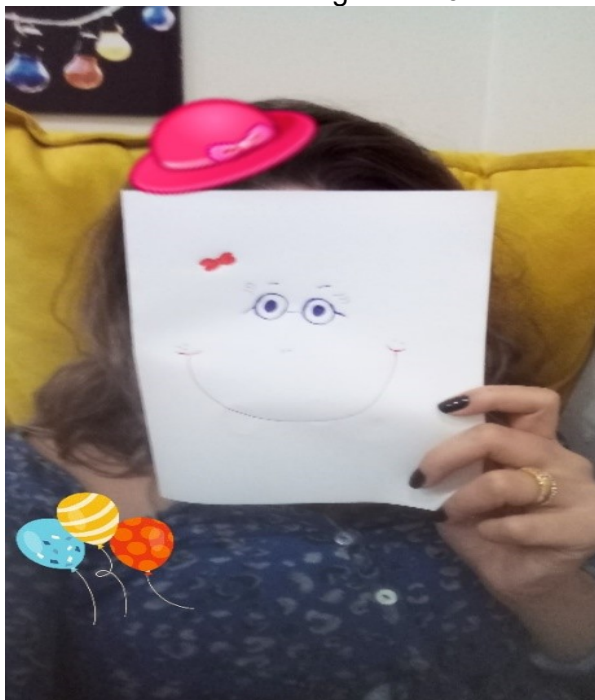


Foto: Flor do Deserto

*Quem nunca usou uma máscara? Em dias tristes, é necessário você estar sorrindo. A minha máscara também era a maquiagem. Usar máscaras diante das situações, da família... É muito triste você precisar mentir a sua realidade. Muitas vezes mentir para si mesmo para tentar melhorar a situação. Para mim é muito difícil. Então pra mim, não existe tristeza maior do que você mentir para si mesmo, mentir para a sociedade, fingindo que está bem, utilizando uma máscara e não poder mostrar a sua face real. Eu acredito que, às vezes, é melhor você expor o seu sentimento do que usar uma máscara.*

Na depressão, a tristeza se apresenta de maneira difusa, onde não há uma causa exata para tal (GOMES, 2011) e isso pode causar desconforto ainda maior no indivíduo e em sua relação com o meio. Ainda, é interessante notar que, o discurso trazido por Flor do Deserto no decorrer dessa narrativa fotográfica, se assemelha a primeira produção e narrativa realizada pela mesma. Porém, ao comparar as duas imagens (narrativa fotográfica 01 e narrativa fotográfica 10), pode-se perceber que a primeira representa o isolamento do mundo exterior, enquanto na segunda, apesar de estar por trás de uma “máscara”, Flor do Deserto consegue enfrentar o mundo exterior.

## Enfrentamento por Cacto

Narrativa Fotográfica 11

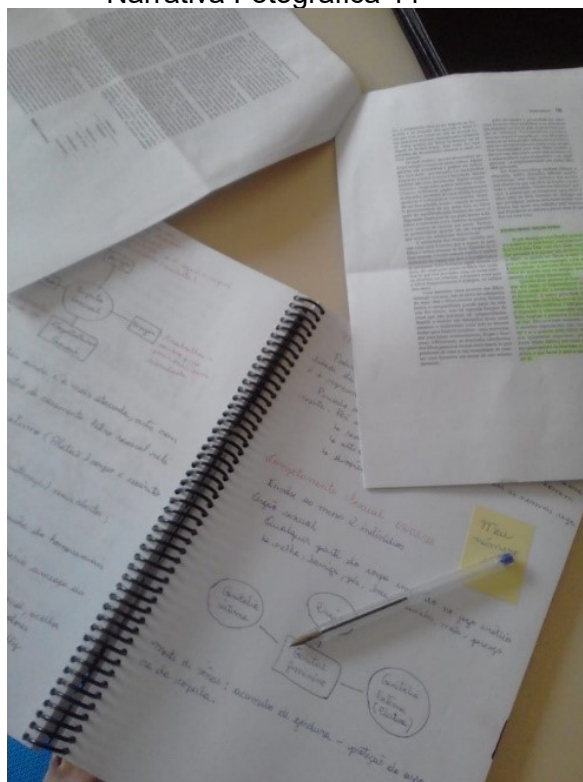


Foto: Cacto



*De certa forma, esta imagem engloba um pouco as duas (tristeza e enfrentamento), porque por mais que eu sentisse tristeza, eu vinha para a faculdade e não conseguia associar o conteúdo. Isso me causava um pouco de tristeza. No entanto, o fato de vir a faculdade - principalmente após o meu atestado de 15 dias -, não desistir e buscar conhecimento para esquecer ou encontrar forças, para mim era uma forma de enfrentamento daquela situação – C.*

A participante relatou que não conseguiu fotografar nada relacionado à tristeza, pois não conseguiu associá-la a nenhum objeto. O local que a remetia à tristeza era o antigo apartamento em que morava e seu estado psíquico àquele período, o que torna evidente que a participante não se encontra, atualmente, em sofrimento psíquico.

### Enfrentamento por Flor do Deserto

#### Narrativa Fotográfica 12



Foto: Flor do Deserto

*É mais ou menos o mesmo significado dela [Cacto] que é: levantar, colocar os pés para fora de casa, fazer os afazeres necessários mesmo estando num estado que não reforça para isso. Mesmo não sentindo prazer nas atividades, mesmo tento vontade de ficar em casa o dia inteiro na cama, mesmo achando todo mundo um saco, chato... mesmo assim, enfrentar. É isso.*

Diante do exposto, é possível notar que cada imagem possui uma história oculta, onde está presente sua realidade interior, complexa e abrangente, desconhecida fotograficamente e incompreensível fisicamente (KOSSOY, 2016). Tal história possui

singularidades inerentes à constituição psíquica do indivíduo, como foi observado nas narrativas fotográficas das participantes, pois, apesar de ambas terem passado por um ED, cada uma o vivenciou de maneira distinta. Ainda, a polissemia da imagem fotográfica, conforme Spink (2011), bem como o fenômeno de produção de sentidos e significados propostos por Santaella (1983) podem ser observados em cada produção fotográfica e nas narrativas fotográficas produzidas pelas participantes desta pesquisa.

Ao final desse encontro, a acadêmica pesquisadora realizou uma dinâmica que consistia em uma participante atribuir o nome de uma flor à outra participante e explicasse o motivo de sua escolha e vice-versa. Os nomes escolhidos, conforme citado ao longo deste trabalho, foram Cacto e Flor do Deserto, onde ambas relataram o motivo da escolha e seu significado referente às características de cada flor/participante: a sequidão, bem como o ambiente hostil ao qual estão submetidas, não as impedem de florescerem nem de sobreviverem, apesar das adversidades. O discurso das participantes concernentes a escolha das flores, evidenciou o vínculo estabelecido entre ambas ao longo dos encontros.

Por fim, a acadêmica pesquisadora distribuiu folhas de papel A4 e solicitou que cada participante fizesse um relato acerca da experiência vivida, dos significados das narrativas fotográficas, dos benefícios e/ou malefícios que a participação na pesquisa pode ter trazido e, ainda, sobre a importância da fotografia como dispositivo terapêutico. As participantes sugeriram enviar o relato em outro momento, via e-mail, para a acadêmica pesquisadora.

### **Trecho do Relato de Cacto:**

*Participar deste projeto foi um tanto desafiante e instigante. Na primeira semana não consegui tirar as fotos, hoje percebo que foi por medo de ter de lidar com conteúdo aversivos. No entanto, me identifiquei com todas as fotos da Flor do Deserto e me senti extremamente angustiada. Os demais conceitos consegui fotografar ou recuperar fotos que eu havia tirado em estado de crise. Lidar com esses conteúdos foi bem delicado, visto que no mês de setembro/2017 tive crises severas e chegar ao mês de setembro/18 participando deste trabalho, me causou medo e muito desconforto. No entanto, encontrar a Flor do Deserto em um pior estado de saúde me fez enxergar em como estou forte a cada dia e que posso servir de exemplo para ela e para outras pessoas e que a crise pode e vai passar. A fotografia funcionou pra mim como um dispositivo terapêutico, pois pude reviver e experienciar sentimentos, pude investigar novos sentimentos, assim como a falta de alguns. Por fim, pude transformar algumas nomenclaturas, ressignificar...*

### Trecho do Relato de Flor do Deserto:

*No momento que fui convidada para participar da pesquisa fiquei bastante animada, pois poucas pessoas demonstram interesse por esse detalhe da minha vida. Mas no decorrer dos temas propostos para fotografar notei que não seria tão fácil, pois, eles me levavam a pensar nas crises que já vivi. Foi desafiador desempenhar as tarefas, e me levou a buscar resiliência. É como se eu me encontrasse comigo mesma. Houve dificuldade da minha parte para reproduzir as fotos, talvez uma resistência ao enfrentamento. Inicialmente, ao saber do tema, pensei que seria fácil, pois se tratava de fotografias, depois, percebi que não eram somente imagens, mas, era eu mesma, meus medos, minha vontade de vencer. Fotografar mecanismos de enfrentamento me fez perceber que há uma "luz no fim do túnel", e que no "fundo do poço" podemos encontrar formas para construir uma escada. Quantas vezes passei por momentos horríveis, momentos que me considerava uma "morta viva", momentos que não vi formas para enfrentar e sair vitoriosa...*

*Ter experienciado as fotografias e os relatos da outra participante da pesquisa foi impactante e confortante: é como se existisse alguém que, por um momento, pudesse me entender, e que não estava sozinha nesse processo. Ver a força nos olhos dela, e ver que é uma vencedora me leva a ter esperança e vontade de vencer também.*

*A iniciativa de ter uma pesquisa que retrate essa temática é maravilhosa, pois, de alguma forma senti amparo por parte do curso.*

O relato e as narrativas fotográficas de ambas demonstrou a importância da utilização da fotografia enquanto dispositivo terapêutico em Psicologia, pois, tanto as imagens que se referiram as sintomatologias de Episódios Depressivos quanto as que representaram recursos de enfrentamento, possibilitaram um entendimento maior no que tange ao indivíduo que passa por esse sofrimento psíquico e o processo de ressignificação vivenciado pelo mesmo.

Insta dizer que apesar das participantes terem histórico de ED, ambas estão em etapas diferentes desse sofrimento psíquico, pois devem ser considerados os aspectos singulares presentes na forma como cada participante lida com essa etapa de sua vida, bem como as diferenças no que tange as sintomatologias vivenciadas por cada uma delas.

Apesar de, em sua maioria, Cacto não ter produzido fotografias atuais acerca de seus sintomas depressivos, ela conseguiu trazer suas produções fotográficas que remetiam aquela época, e discorrer sobre seus sentimentos e pensamentos referentes ao seu ED, o que, por si só, configura o uso da fotografia como dispositivo terapêutico.

Flor do Deserto conseguiu produzir com intensidade as fotografias durante o período da pesquisa devido a etapa na qual está de seu ED. Durante as narrativas dos sintomas depressivos, foi percebido que a participante aparenta ainda estar em sofrimento psíquico,



porém, tal fato não descartou a possibilidade da mesma enfrentar esse período e tornar o uso da fotografia, assim como Cacto, terapêutico.

Diante do exposto, fez-se necessário a realização desse estudo, a fim de possibilitar a utilização da Fotografia como dispositivo terapêutico em indivíduos com histórico de ED, ou que se encontram neste sofrimento psíquico, bem como identificar os significados e efeitos envolvidos durante o processo de produção e das narrativas fotográficas de cada participante. Ainda, possibilitou promover uma discussão entre a Psicologia e a Fotografia na pesquisa acadêmica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou identificar os efeitos das narrativas fotográficas em acadêmicos de Psicologia com histórico de Episódio Depressivo do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. A depressão se configura como um problema de saúde pública, onde há necessidade de um maior investimento de recursos no que tange à saúde mental da população a fim de dirimir, dentre outros transtornos mentais, a recidiva de Episódios Depressivos, objeto desta pesquisa.

Para tanto, a fim de promover uma interface entre a Fotografia e a Psicologia na pesquisa acadêmica, este estudo propôs a utilização da Fotografia como dispositivo terapêutico, onde foi evidenciado, a partir das produções e narrativas fotográficas das participantes da pesquisa, a importância desse dispositivo enquanto recurso de enfrentamento em indivíduos com histórico de ED.

Quando se visualiza uma fotografia, não há como mensurar os aspectos subjetivos envolvidos antes mesmo do enquadramento do objeto que foi fotografado. Aquele que fotografa possui uma singularidade que o diferencia de qualquer outra pessoa que for fotografar o mesmo objeto, haja vista que cada sujeito possui uma constituição subjetiva que o diferencia de outrem. Nesse sentido, uma mesma fotografia pode produzir diversos significados numa dada amostra populacional, pois cada indivíduo traz em si vivências distintas constituídas por aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e espirituais.

Alguns desses aspectos foram demonstrados no discurso das participantes da pesquisa e, ainda, a importância no compartilhamento de suas experiências vividas durante Episódios Depressivos, através do uso da Fotografia enquanto dispositivo terapêutico. Ainda, mediante análise dos dados coletados, foi explanada a necessidade de desenvolver outros grupos que tenham objeto semelhante ou que estejam relacionados a outros públicos-alvo. Foi relatado por uma das participantes da pesquisa, como sugestão para grupos vindouros com este enfoque que, o tempo de duração fosse maior, porém como se tratou de um Trabalho de Conclusão de Curso, o tempo foi reduzido para realização da coleta de dados.

Conforme observado pela acadêmica pesquisadora, as participantes da pesquisa passaram por um processo, inicialmente, de resistência, no que tange a produção fotográfica de cada tema, perpassando por uma aceitação para lidar com os pensamentos e sentimentos envolvidos no decorrer de cada encontro. Posteriormente, ambas

conseguiram lidar com os estímulos envolvidos que se referiam ao sofrimento vivido outrora e conseguiram, de fato, tornar o uso da fotografia terapêutico. Vale ressaltar a importância do acompanhamento psicoterápico individual das participantes no decorrer desse processo.

Apesar de não ter sido objeto dessa pesquisa, uma das questões que emergiu foi a importância no estabelecimento do vínculo entre as participantes devido ao compartilhamento das experiências acerca de seus Episódios Depressivos. Para tanto, recomenda-se que, caso haja interesse na replicação desse estudo, levar em consideração tal fato ou até mesmo utilizá-lo como objeto para outra pesquisa.

Outra sugestão refere-se ao público que será estudado, pois, algo que se tornou evidente neste estudo diz respeito ao vocabulário das participantes da pesquisa no que tange as narrativas acerca do sofrimento psíquico, haja vista que ambas possuem conhecimento teórico mais elaborado de alguns processos psicológicos, neste caso, a depressão.

Ainda, uma das limitações concernentes à realização dessa pesquisa se baseou no fato de que não há muitas publicações que tratam dessa temática, no que tange a Fotografia e a Psicologia na pesquisa acadêmica, necessitando assim de outras publicações que promovam essa interface entre essas duas abordagens em outros âmbitos, além do universitário. No que se refere aos desafios, a acadêmica pesquisadora se identificou significativamente com as narrativas das participantes devido ao ED por ela também vivido, porém conseguiu manter a neutralidade que compete ao pesquisador.

Diante do exposto, percebeu-se a importância do uso da fotografia enquanto dispositivo terapêutico em indivíduos com histórico de ED, haja vista que a utilização de imagens nessa pesquisa acadêmica proporcionou a produção de conhecimento não apenas no que se refere ao uso da fotografia, mas também nos recursos de enfrentamento disponíveis a cada indivíduo, através da produção de sentido e significado inerente ante a constituição subjetiva de cada ser humano. Ainda, foi proposto pela pesquisadora responsável desta pesquisa, que também é coordenadora do curso de Psicologia, a realização de um grupo de Estudos e Intervenção para acadêmicos não apenas da Psicologia, mas também de outros cursos do CEULP/ULBRA.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. S. et al. **Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia**. Psicol. cienc. prof. 2016, vol.36, n.4, pp.831-846. ISSN 1414-9893. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370300414>>. Acesso em: 22 out. 2018.
- APA - American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtorno - **DSM-5**. trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AUMONT, J. **A imagem**. – 16ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BRASIL. Ministérios da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59-62. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2018.
- BRATS – Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde. **Antidepressivos no Transtorno Maior em Adultos**. Ano VI nº18, p. 1-35, mar. 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/brats\\_18.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/brats_18.pdf)>. Acesso em 24 set. 2018.
- BONIFACIO, S. P. et al. Investigação e manejo de eventos estressores entre estudantes de Psicologia. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 15-20, jun. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872011000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 abr. 2018.
- CAREGNATO, R.C.A; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - Enferm.**, Florianópolis, v.15, n. 4, p.679-684, Dec.2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.
- CASARIN, H. C. S. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- CERVO, A. L. **Metodologia científica**. 6º ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Resolução nº 010/00 de 20 de dezembro de 2000**. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000\\_10.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000_10.pdf). Acesso em: 24 de set. 2018.
- CONSEPE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Luterano de Palmas. **Resolução nº 525 de 14 de agosto de 2013**. Disponível em: <http://ulbra-to.br/espaco-academico/download/2013/08/15/Resolucao-Consepe-n-5252013/download>. Acesso em 06 jun. 2018.

CID-10 – Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Organização Mundial da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. – 2 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

DE ASSIS, A., DE OLIVEIRA, A. Vida universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, 2, dez. 2010. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/11113>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Versão eletrônica. São Paulo: Projeto Periferia, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. – 14ª ed. – Campinas, SP. Papyrus, 2012.

DONALDSON, H. Anatomical observations on the brain and several senseorgans of the blind, deaf-mute, Laura Dewey Bridgman. **American Journal of Psychology**, University of Illinois Press, v.3, n.2 293-342, Sep., 1890. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/1411697?seq=2#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/1411697?seq=2#page_scan_tab_contents). Acesso em: 28 fev. 2018.

FONSECA, A. A.; COUTINHO, M. P. L.; AZEVEDO, R. L. W. Representações sociais da depressão em jovens universitários com e sem sintomas para desenvolver a depressão. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 492-498, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722008000300018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000300018>.

FREEMAN, M. **Guia completa de fotografia: técnicas y materiales**. Madri: Tursen, S.a., 1996.

FREIRE, I. R. **Raízes da psicologia**. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. 8ªed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, A. M. A. Um olhar sobre a depressão e religião numa perspectiva compreensiva. **Estudos de Religião**. v .25, n. 40, p. 81-109, jan./jun. 2011. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2368>. Acesso em 18 set. 2018.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

GUARIENTE, J. C. A. **Depressão: dos sintomas ao tratamento**. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. – 14<sup>a</sup> ed. – Campinas: Papirus, 2012.

JUCHEM, M. Linguagem Fotográfica: Uma possibilidade de leitura de fotografias. **Linguagens**: Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 3, n. 3, p.325-347, set. 2009. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1954>. Acesso em 15 abr. 2018.

KOSSOY, B, 1941. **Fotografia & História**. – 2ed. rev. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. – 3<sup>a</sup> ed. – Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. – 5. ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTEIRO, A. F. **A saúde mental de acadêmicos no último ano do curso de graduação em psicologia do CEULP/ULBRA** / Adriele Freire Monteiro – Palmas, 2017. 93 fls. Monografia (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Psicologia - Centro Universitário Luterano de Palmas, Curso de Psicologia, 2017/2.

MONTEIRO, J; CALDEIRA, G. N. A experiência fotográfica na saúde mental: vivendo arte cotidiana. **Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 2, n. 2, p.13-30, out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/1320/949>. Acesso em: 08 mar. 2018.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estud. psicol.** Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200005>.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2005.

OMS. Determinantes sociais e riscos para a saúde, doenças crônicas não transmissíveis e saúde mental. **Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “vamos conversar”**. Versão online, 2017. Disponível em: <[http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839)>. Acesso em: 21 abr. 2018.

OMS. **Depression: let's talk**. Suicide. Versão online, 2017. Disponível em: [http://www.who.int/mental\\_health/management/depression/en/](http://www.who.int/mental_health/management/depression/en/). Acesso em: 05 mar. 2018.

OMS. **Depression**. Versão online, 2017. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs369/en/>. Acesso em: 07 mar. 2018.

OMS. **Depression: what you should know**. Versão online, 2016/2017. Disponível em: <http://www.who.int/campaigns/world-health-day/2017/handouts-depression/what-you-should-know/en/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

OMS. **Suicide**. Versão online, 2018. Disponível em: <http://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 19 set. 2018.

PADOVANI, Ricardo da Costa et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 02-10, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. - 1ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. – 3. ed. – Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.

SCHULTZ, D. P. **História da psicologia moderna**. – São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, E. C.; HELENO, M. G. V. Qualidade de vida e bem-estar subjetivo de estudantes universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 4, n. 1, jan. - jun. 2012, pp. 69-76.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31-42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2018.

SOLOMON, A. **O demônio do meio dia: uma anatomia da depressão**. – 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SONTAG, S. **Sobre fotografia.** – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, S. J.; LOPES, A. E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 116, p. 61-80, jul. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200004>.

SPINK, M. J. P. Arquivando nossos selves: a construção de narrativas biográficas de famílias por meio de fotografias. In: ZANELLA, A. V; TITTONI, J. (orgs.). **Imagens no pesquisar: experimentações.** – Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2011.

TAVARES, F. M. B. Fotografia e linguagem: Para pensar a comunicação. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, n. 5, p.142-159, nov. 2006.

TITTONI, J. O fotografar, as poéticas e os detalhes. In: ZANELLA, A. V; TITTONI, J. (org.). **Imagens no pesquisar: experimentações.** – Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2011.

TITTONI, J. et al. A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 59-66, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/10467>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

VIEIRA, K.F.L. Depressão e Suicídio: Uma abordagem psicossociológica no contexto acadêmico. **Dissertação de Mestrado.** Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, 2008.



## **APÊNDICES**



## **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

### **APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

Durante a realização das atividades, a acadêmica pesquisadora e assistente de pesquisa perceberam:

<p><b>Atividades Domiciliares</b></p> <p>( ) Dificuldade/vergonha em solicitar as atividades domiciliares</p> <p>( ) Dificuldade em retornar ao curso</p> <p>( ) Houve apoio, em algum momento, da família</p> <p>( ) Houve apoio, em algum momento, dos colegas e amigos</p> <p>( ) Houve apoio, em algum momento, das coordenadoras</p> <p>( ) Houve apoio, em algum momento, dos professores</p>
<p><b>Diagnóstico</b></p> <p>Há quanto tempo recebeu o laudo/diagnóstico:</p> <p>( ) Há menos de 1 ano</p> <p>( ) 1-2 anos</p> <p>( ) 3 anos ou mais</p>
<p><b>Sobre o Episódio Depressivo, o acadêmico relatou que sentia:</b></p> <p>( ) Angústia ( ) Medo ( ) Tristeza ( ) Raiva ( ) Culpa ( ) Solidão</p> <p>( ) Desesperança ( ) Sentimento de morte ( ) Indiferença ( ) Insônia</p> <p>( ) Perda de apetite ( ) Isolamento ( ) Indecisão ( ) Inutilidade ( ) Hipersonia</p> <p>( ) Aumento de peso ( ) Aumento do apetite ( ) Perda de peso ( ) Anedonia</p> <p>( ) Perda de libido ( ) Melancolia ( ) Irritabilidade</p>
<p><b>Tratamento</b></p> <p>( ) Faz psicoterapia</p> <p>( ) Fez psicoterapia</p> <p>( ) Uso de psicotrópico</p> <p>( ) Outros</p>



## **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

### **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa sob o título **NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO EM ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA COM EPISÓDIO DEPRESSIVO**. Eu, Juliana Gomes Martins, sou acadêmica de Psicologia e responsável pela pesquisa, orientada pela Professora Doutora Irenides Teixeira.

A seguir serão detalhadas informações acerca da pesquisa e, caso tenha interesse, deverá preencher os campos de assinatura solicitados neste documento, em duas vias iguais, sendo que uma delas ficará com você. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhum dano. Caso haja dúvidas sobre a pesquisa você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (63) 9 8474-3181. Durante todo o período da pesquisa você poderá pedir qualquer esclarecimento sobre os aspectos éticos envolvidos, no Comitê de Ética em Pesquisa – CEP do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA, pelo telefone (63) 3219-8076 ou via e-mail: [etica@ceulp.edu.br](mailto:etica@ceulp.edu.br).

- 1) Objetivo e justificativa da pesquisa:** a pesquisa tem como objetivo identificar os efeitos das narrativas fotográficas como dispositivo terapêutico em acadêmicos de psicologia com episódio depressivo. A depressão acomete indivíduos de todas as faixas etárias, resultando numa incapacidade do ser humano em todos os âmbitos de sua vida. Diante disso, buscar-se-á promover a prevenção de episódios depressivos e a utilização do dispositivo fotográfico como recurso terapêutico, que poderão auxiliar o indivíduo que se encontra em sofrimento psíquico.

---

Participante

---

Acadêmica Pesquisadora

---

Pesquisadora  
Responsável

- 2) Procedimentos:** serão realizados 6 encontros para coleta dos dados, uma vez por semana, com duração média de 1h30 cada um, entre os dias 16/08/2018 e 25/09/2018. Será utilizado um roteiro de observação a ser preenchido pela assistente de pesquisa no decorrer dos encontros e um gravador de áudio. Cada participante deverá dispor de um *smartphone* (qualquer modelo) com dispositivo fotográfico. No primeiro encontro, será realizada uma explanação acerca da pesquisa, ocasião na qual os participantes da pesquisa poderão opinar acerca dos dias e horários em que ocorrerão os encontros. No segundo momento, será realizada uma dinâmica a fim de estabelecer o *rapport* entre pesquisadora e participantes. Nos demais encontros, serão realizadas dinâmicas, tendo como objetivo, promover um momento de descontração e estabelecimento de vínculo entre os participantes do grupo, bem como as narrativas das imagens compostas por cada participante, através de seu *smartphone* com dispositivo fotográfico. Ainda, no penúltimo encontro a pesquisadora entregará as fotos produzidas ao longo dos encontros. No sexto e último encontro serão apresentados os resultados da pesquisa a cada participante, individualmente.
- 3) Dados coletados:** as imagens produzidas pelos participantes bem como suas narrativas estarão sob os meus cuidados. Tais informações serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, cujo propósito será contribuir para a comunidade científica, e às pessoas que se passaram por algum episódio depressivo, ou que estejam, atualmente, neste sofrimento psíquico.

---

Participante

---

Acadêmica Pesquisadora

---

Pesquisadora  
Responsável

- 4) **Benefícios:** a pesquisa tem o potencial de apresentar os benefícios da fotografia como dispositivo terapêutico, uma vez que o participante poderá atribuir múltiplos sentidos e significados acerca de sua condição psíquica e, a partir de uma aprendizagem com o grupo, construir recursos de enfrentamento psicológico diante da depressão.
- 5) **Riscos:** os procedimentos aplicados durante a pesquisa poderão desencadear emoções desagradáveis para o participante, por se tratarem de conteúdos relacionados ao sofrimento psíquico decorrentes da depressão. Diante disso, será de responsabilidade da pesquisadora oferecer suporte psicológico naquele momento e, caso se faça necessário, o participante será encaminhado ao Alteridade – Núcleo de Atendimento Educacional Especializado aos Discentes do CEULP.
- 6) **Voluntariedade:** você terá garantido o seu direito de recusar, desistir ou retirar seu consentimento da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, diante de tal decisão. Vale ressaltar que não haverá nenhum tipo de remuneração pela sua participação nesta pesquisa, uma vez que se trata de voluntariedade.
- 7) **Confidencialidade:** as informações desta pesquisa serão confidenciais, sendo que quando forem utilizadas para fins acadêmicos, não haverá a identificação dos participantes.
- 8) **Sigilo:** será minha a responsabilidade em manter o sigilo das informações desta pesquisa, conforme as normas do Conselho Nacional de Saúde – CNS 466/12.
- 9) **Ressarcimento de despesas e indenização:** os gastos necessários para a sua participação nesta pesquisa serão assumidos por mim. Fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

---

Participante

---

Acadêmica Pesquisadora

---

Pesquisadora  
Responsável

Juliana Gomes Martins  
Endereço: 906 sul, alameda 04, lote 25.  
Telefone: (63) 9 8474-3181.  
E-mail: j.gmartins.psi@gmail.com

Irenides Teixeira  
Endereço: 404 sul, alameda 02, lote 05, apt.  
303, bloco 02.  
Telefone: (63) 9 9994-3446  
E-mail: irenides@gmail.com

## CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO DE PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, concordo participar da pesquisa sob o título **NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO EM ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA COM EPISÓDIO DEPRESSIVO**. Acredito estar suficientemente informado(a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido(a), dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Palmas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Acadêmica Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora  
Responsável

## **ANEXOS**

## ANEXO A - RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 525 DE 14 DE AGOSTO DE 2013

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA "SÃO PAULO"  
Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 3.607 - D.O.U. nº 202 de 20/10/2005

**RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 525 DE 14 DE AGOSTO DE 2013**

"Dispõe sobre normas sobre Exercícios Domiciliares no âmbito do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP, conforme Decreto-Lei nº 1.044/1969 e Lei nº 6.202/1975"

O CONSEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Luterano de Palmas, no uso de suas competências regimentais e estatutárias, e tendo vista a aprovação em reunião realizada em 14 de agosto de 2013;

**RESOLVE:**

**Art. 1º** - Os acadêmicos que, no decorrer do semestre letivo, forem acometidos de doenças que os incapacitem, física e temporariamente, para as atividades acadêmicas presenciais, têm direito a Tratamento Excepcional nos termos da lei.

§ 1º - O Tratamento Excepcional só será deferido se a incapacidade física for relativa, de modo que se revele possível a realização pessoal das tarefas e se for incompatível com a frequência às aulas.

§ 2º - O Tratamento Excepcional não será concedido se o período do afastamento for inferior a 15 dias ou superior a 50% dos dias letivos do semestre.

**Art. 2º** - As acadêmicas em estado gestacional também têm direito ao Tratamento Excepcional nos termos da lei.

§ 1º - O Tratamento Excepcional para a gestante será de até três meses, considerando sempre como tempo inicial o oitavo mês da gestação.

§ 2º - Em casos excepcionais, devidamente comprovados com atestado médico, que delimite período superior para o repouso, poderá ser deferido o pedido, ampliando-se o prazo, seja antes ou depois do parto.

**Art. 3º** - Não será concedido Tratamento Excepcional para disciplinas de natureza prática e estágios curriculares.





## **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA "SÃO PAULO"

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 3.607 - D.O.U. nº 202 de 20/10/2005

**Art. 4º** - Aos acadêmicos merecedores de Tratamento Excepcional serão atribuídos exercícios domiciliares.

**Art. 5º** - A realização dos exercícios domiciliares justificará as ausências às aulas e complementar o processo de ensino-aprendizagem, mas não desobriga o requerente a submeter-se às avaliações (G1, G2 e Substituição de Grau), que serão sempre presenciais e em datas especiais, após o retorno às atividades normais.

Parágrafo único - Os exercícios domiciliares desenvolvidos serão referentes aos conteúdos a serem ministrados no período do afastamento.

**Art. 6º** - O requerente deverá solicitar o Tratamento Excepcional na Central de Atendimento ao Acadêmico, no prazo máximo de 48 horas após a ocorrência do fato gerador, e os exercícios domiciliares deverão ser realizados no período do afastamento.

Parágrafo único - O pedido poderá ser realizado por procuração.

**Art. 7º** - O requerente deverá anexar ao pedido o laudo ou atestado médico original ou ainda cópia autenticada, legível e sem rasura. No documento deve constar o nome completo do acadêmico, a identificação do médico signatário do atestado, o período do afastamento e a CID (Classificação Internacional de Doenças).

**Art. 8º** - O acadêmico que requerer exercícios domiciliares deverá tomar ciência do parecer, das atividades, das datas de entrega referentes aos exercícios e das datas para a realização das avaliações.

**Art. 9º** - O professor, após recebimento de Comunicação Interna (CI), por parte da Coordenação de curso, notificando a concessão do Tratamento Excepcional (Exercícios Domiciliares), deverá, dentro do prazo de até quatro dias úteis, devolver à Coordenação de curso as atividades referentes ao período concedido.



## **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA "SÃO PAULO"

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 3.607 - D.O.U. nº 202 de 20/10/2005

**Art. 10** - Durante o período do afastamento, o acadêmico não terá frequência. A frequência será justificada no Diário de Classe, no espaço indicado pela Secretaria Geral.

**Art. 11** - O Tratamento Excepcional poderá ser interrompido a qualquer tempo, a pedido do acadêmico, caso recuperadas as condições.

**Art. 12** - A entrega dos exercícios domiciliares e a realização das avaliações, com aproveitamento, são condições indispensáveis ao fechamento da disciplina, bem como o cumprimento dos prazos estabelecidos pelo professor da disciplina.

**Art. 13** - O acadêmico deverá solicitar junto à Central de Atendimento ao Acadêmico, em até cinco dias, finalizado o período de Exercícios Domiciliares, a realização das avaliações (G1, G2 e Substituição de Grau) que tenham ocorrido no período supracitado:

Parágrafo único - As avaliações deverão ser realizadas em até 15 dias, após o deferimento da solicitação, e o lançamento da nota, pelo professor, deverá ser realizado em até 48 horas, após a aplicação da avaliação.

**Art. 14** - Os casos especiais serão apreciados pelo Conselho do respectivo Curso.

**Art. 15** - Esta resolução entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palmas-TO, 14 de agosto de 2013.

Kelen Beatris Lessa Mânica

Presidente